

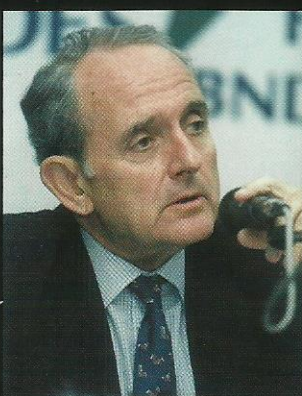
ANO XVII - Nº 70 - 2001

ISSN 01025279

PERFIL
Sérgo Alves

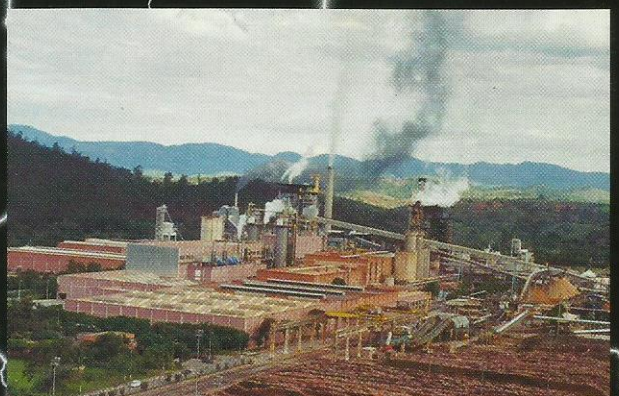
CELULOSE & PAPEL

SETOR EMERENTA CRISE ENERGÉTICA



**A Parceria
com o BNDES**

**Suspense
marcou caso
Cenibra**

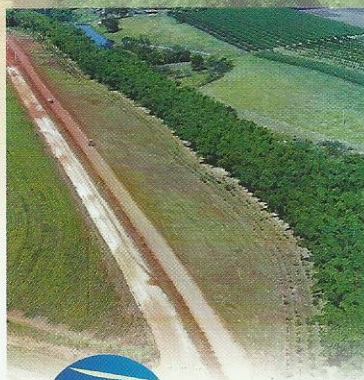
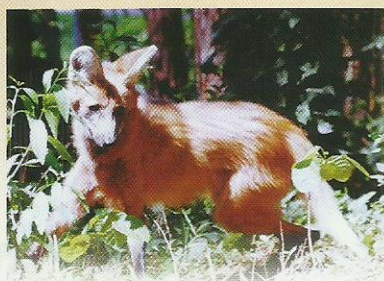


Projetos Ambientais International Paper.

A Cultura da Preservação e da Recuperação.



LeadMart



PROJETOS
SOCIO
AMBIENTAIS

INTERNATIONAL  PAPER



O **GRUPO INTERNATIONAL PAPER** FABRICA PAPEL DE EUCALIPTOS E PINUS RENOVÁVEIS. SUA CULTURA DOMINA A MELHOR TECNOLOGIA DO HOMEM: CULTIVAR PARA COLHER. DE SUAS FÁBRICAS TAMBÉM SAEM BENEFÍCIOS RECONHECIDOS COMO A TRILOGIA DO FUTURO: PROJETOS NAS ÁREAS DE EDUCAÇÃO, SAÚDE E MEIO AMBIENTE QUE SUSTENTAM E PRESERVAM A RIQUEZA DA VIDA.

Grupo International Paper do Brasil



INTERNATIONAL  PAPER



www.internationalpaperdobrasil.com.br

Em Defesa das Indústrias de Papel

Boris Tabacof *

Com o objetivo de ajudar efetivamente as indústrias não-integradas de papel que constituem o setor, que não suportariam uma redução de 25% em seu consumo de energia elétrica, temos desenvolvido, desde o início da crise de eletricidade, uma intensa atuação junto às autoridades governamentais, notadamente junto aos ministros Alcides Tápias, do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior e Pedro Parente, presidente da Câmara de Gestão da Crise de Energia Elétrica.

Nesse esforço, temos apresentado ao governo dados numéricos precisos que demonstram de forma eloqüente a imperiosa necessidade de que, para as 158 indústrias de papel não-integradas do País, a redução do consumo de energia seja estabelecida em patamar inferior a 25% calculados sobre a média dos meses de Maio, Junho e Julho de 2000.

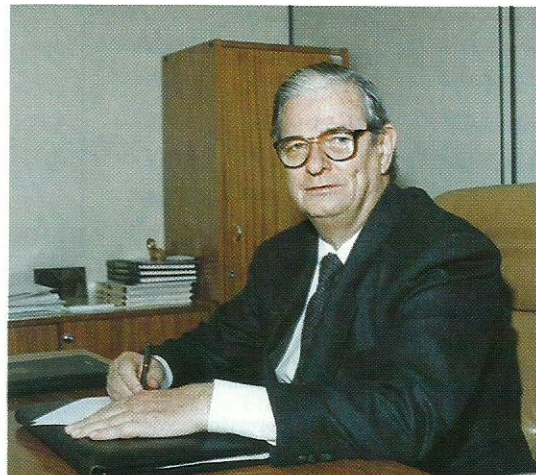
Essa definição se faz indispensável porque o índice de 25%, estabelecido pela Resolução nº 8, de 25/05/01, da Câmara de Gestão da Crise de Energia Elétrica, exigirá paradas de máquinas e terá como terríveis conseqüências uma significativa perda de produção, desemprego e redução das exportações.

Os detalhados estudos realizados pelas empresas e pela Bracelpa demonstram que, caso as produtoras não-integradas de papel – que não dispõem de auto-geração – sejam forçadas a reduzir seu consumo em 25%, sofrerão em 2001 graves impactos, que, anualizados, se traduzem em corte de produção de 16,8%, correspondente a 351 mil toneladas; perspectiva de redução de postos de trabalho e queda de receita das exportações no valor de US\$ 180 milhões.

Tendo em vista esse quadro que realça as sérias conseqüências que podem advir, para as empresas, da redução determinada pelo governo, é que a Bracelpa tem realizado intensas gestões junto aos mais altos escalões do governo, no sentido de que, como já ocorreu com outros setores produtivos, a angustiante situação das 158 indústrias não-integradas de papel – atuantes em todas as regiões do País – também mereça um enquadramento específico, que as libere do risco real que defrontam, de até mesmo se tornarem inviáveis.

Em nome dessas produtoras de papel, associadas à Bracelpa, esperamos que as autoridades governamentais reconheçam a gravidade do problema e venham a encontrar formas de amenizar essa situação – para o que, evidentemente, poderão sempre contar com a inteira colaboração das próprias empresas e do quadro técnico da Bracelpa.

*Boris Tabacof
é presidente da
BRACELPA
- Associação
Brasileira
de Celulose e Papel*



A revista **Celulose & Papel** é órgão oficial da
Bracelpa - Associação Brasileira de
Celulose e Papel
Rua Afonso de Freitas, 499
CEP 04006 - São Paulo - SP
Fone: (11) 3885-1845
<http://www.bracelpa.com.br>

Conselho Editorial

Alberto Fabiano Pires
Alfred Freund
Leomir Trombini
Mário Hígino Leonel
Ruy Haidar



Não contamine
USE PAPEL

Celulose & Papel é produzida e editada pela
Unipress Empresa de Comunicação
ISSN 0102-5279



Diretoria
Alaôr José Gomes
Reginaldo Finotti

Diretor de Redação e Editor
Reginaldo Finotti

Redação
Lucas Proença
Simone Paranhos
Vera Monteiro

Fotos
Alex Silva

Revisão
Simone Feliciano

Arte e Editoração
Ricardo Nabarrete

Publicidade
Rosa Murillo

Relações Públicas
Lina Carla Finotti

Redação, Administração e Publicidade
Avenida Paulista, 2006 - 5º andar
Conj. 509 - Fone/Fax (11) 251-1122
CEP 01310-926 - São Paulo - SP
E-mail:
celuloseepapel@unipresscomunicacao.com.br

Fotolitos e Impressão
Studio A

BNDES REFORÇA PARCERIA

O presidente do BNDES, Francisco Gros, em entrevista exclusiva, diz que o banco de fomento continuará uma forte parceria com o segmento, participando da nova fase de expansão da indústria de celulose e papel e relaciona as ações já em andamento com a liberação de recursos. Gros diz encarar com otimismo o futuro do setor, calcado em seu poder de competitividade.

6

MERCADO INTERNACIONAL

Os analistas divergem em relação ao comportamento do mercado futuro de celulose e papel, mas prevalece a idéia de que o ciclo de recuperação iniciado foi apenas interrompido e deverá ser retomado em 2002.

15

LEILÃO DA CENIBRA

Após idas e vindas e um jogo de bastidores do grupo formado pelo consórcio Japan Brazilian Paper, a Oji consegue superar as divergências e exercer, na última hora, o direito de preferência, tirando a oportunidade do consórcio brasileira formado pela Aracruz e Votoraantim de adquirir o controle da maioria das ações da Cenibra, em poder da Vale do Rio Doce.

19

O PIONEIRO SEPACO

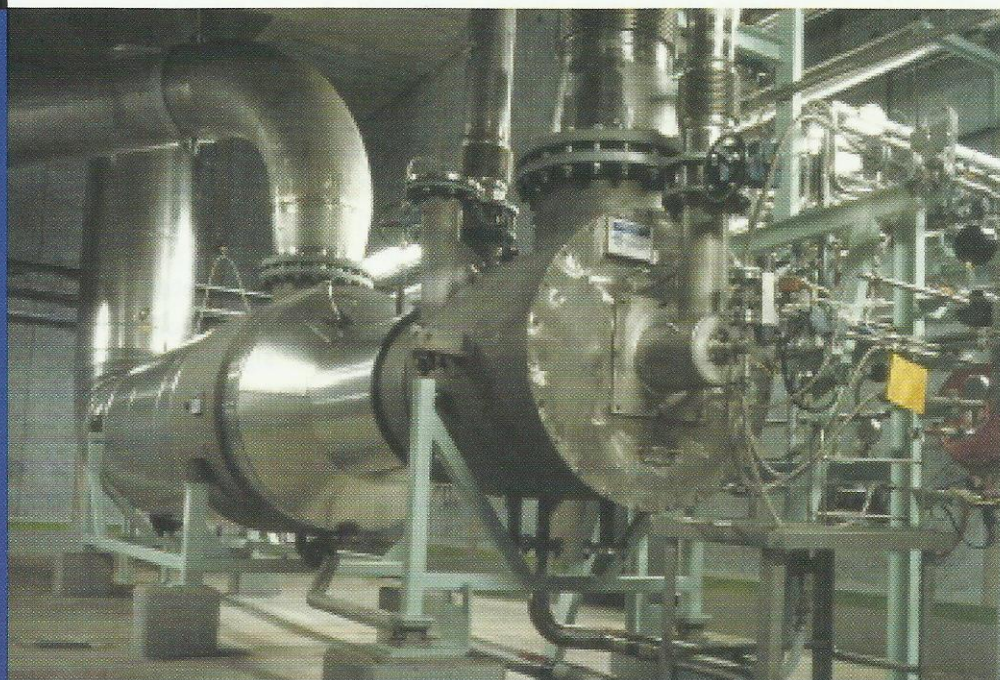
Considerado um eficiente INSS do segmento, o hospital do SEPACO moderniza-se no atendimento a empregados da indústria de celulose e papel e assume posição pioneira nos índices de infecção hospitalar. Seu trabalho constitui-se em modelo para outros hospitais brasileiros.

30

E MAIS

In memoriam: Max Feffer	18
Perfil: Sérgio Arthur Ferreira Alves	23
Exportações em marcha lenta	26
Números do setor	30
Noticiário	32

Líder em Sistemas de Controle de Odor



Assim como não existem duas fábricas iguais, não há solução padronizada para o problema de odor em fábricas que operam segundo o processo sulfato.

Para que se possa encontrar a alternativa ideal, vários fatores devem ser analisados, tais como legislações ambientais, procedimentos específicos adotados nas fábricas e suas instalações.

Com mais de 20 anos de experiência nesta área, a Kvaerner Pulping – Divisão Chemetics – é líder mundial em sistemas de controle de odor, oferecendo soluções seguras, efetivas e personalizadas.

Se sua fábrica está enfrentando este problema, a Kvaerner tem sua solução.

www.kvaerner.com.br

**Kvaerner Pulping –
Divisão Chemetics**

Kvaerner do Brasil Ltda.
Cx. Postal 14046, 81690-990
Curitiba - PR - Brasil
Tel: (41) 341-4444
Fax: (41) 348-1330/2306



BNDES:

maior alavancagem para o desenvolvimento e competitividade

Francisco Gros, em entrevista exclusiva a C&P, diz que banco de fomento quer continuar parceiro de empresas atuantes do setor e destaca o papel de maior importância dos aspectos sociais dos novos projetos – aprovados e em análise com participação de 40 a 50% do BNDES.

Alaôr José Gomes

Carioca discreto, com 57 anos, o presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), Francisco Gros, tem exercido, sem estardalhaços mas com resultados, vários cargos públicos. Formado em economia pela Universidade de Princeton, em 1964, iniciou carreira como banqueiro de investimentos em 1972. Foi no Kidder, Peabody and Co., um banco de investimentos de porte de Wall Street. Voltou ao Brasil em 1975 assumindo o cargo de diretor da Multiplic Corretora. De 1977 a 1981

foi diretor da CVM – Comissão de Valores Mobiliários, oferecendo significativa contribuição à criação do moderno mercado de capitais brasileiro. Diretor executivo do Unibanco de 1981 a 1985, onde também comandava a área de mercado de capitais. Por dois anos, até 1987, foi diretor do BNDES e vice-presidente do Bndespar, de onde saiu para assumir a presidência do Banco Central, em 1987 e, novamente, em 1991-92. Presidente da Aracruz Celulose (1987-89), coordenou a execução do projeto de duplicação da empresa, um investimento de mais de US\$ 1,2 bilhão. Em dois períodos foi também presidente do BFC-Banco S.A, o último de janeiro a novembro de 1993.

No seu segundo período à frente do BC, foi um dos principais integrantes da equipe econômica que elaborou e conduziu o programa de recuperação e abertura da economia brasileira, iniciado em 1991. Também conduziu as negociações para firmar os acordos com o Clube de Paris em fevereiro de 1992 e com o FMI em junho do mesmo ano. Em 1993 começou a trabalhar no Morgan Stanley Dean Witter, do qual era diretor-executivo. Francisco Gros foi nomeado presidente do BNDES, onde tomou posse em 2 de março.

No bate-papo com a Celulose & Papel, Francisco Gros foi objetivo e anunciou parcerias do BNDES com o setor papeleiro.

No bate-papo

com a

Celulose & Papel,

Francisco Gros

foi objetivo e

anunciou

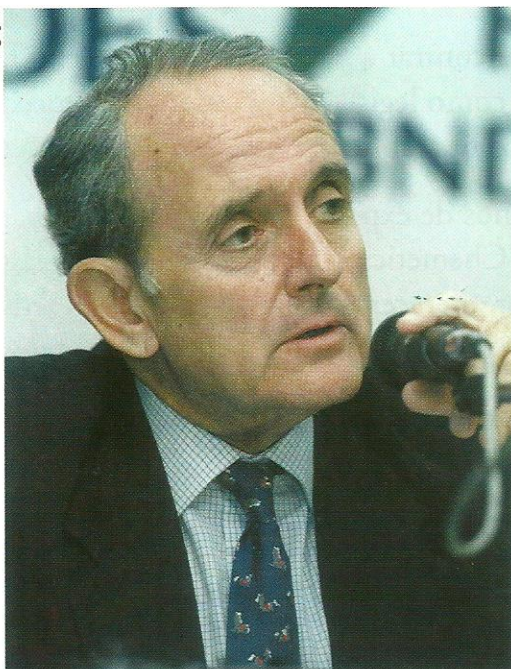
parcerias do

BNDES

com o setor

papeleiro.

Divulgação



Gros: "Os números comprovam que o BNDES vem investindo cada vez mais fortemente no social"

Banco de fomento com a mobilidade de adaptar-se ao dinamismo das mudanças, Gros está agora viabilizando empréstimos no exterior para financiar projetos de investimentos no setor elétrico, afetado por uma crise sem precedentes. São 50 projetos que devem receber do BNDES financiamentos de R\$ 7 bilhões.

Paralelamente ele se prepara para vender participações importantes do Tesouro na Petrobrás, no valor de US\$ 1 bilhão, até o final do ano. O BNDES também está vendendo suas participações acionárias na Embraer e na Vale do Rio Doce.

C&P - O BNDES foi responsável por grande parte do atendimento à expansão do segmento de celulose e papel no Brasil, via substanciais financiamentos. O Banco participará da nova fase de expansão considerando estudos de sua área técnica, segundo os quais o Brasil, se não investir, poderá voltar a ser importador desses insumos?

Francisco Gros - O BNDES tem sido um tradicional parceiro das empresas atuantes no segmento de celulose e papel. Seu apoio abrange todos os produtos do BNDES: financiamento direto e indireto (via bancos repassadores), participação acionária e subscrição de debêntures. O valor desembolsado pelo BNDES na década de 90 nesse setor alcançou a cifra de US\$ 4,2 bilhões, alavancando investimentos de US\$ 10,4 bilhões. O BNDES entende a importância da expansão desse setor para o País e pretende continuar participando na implementação desse novo ciclo de investimentos anunciado.

C&P - Como? Com quanto? E quais os projetos aprovados e em estudo?

Gros - O apoio dar-se-á de forma semelhante ao até então praticado, ou seja, uma associação dos produtos financiamento e apoio ao lançamento de títulos. Também é possível estudar-se a aplicação de uma remuneração variável conforme o sucesso do empreendimento. Deve-se destacar que os aspectos sociais dos projetos passarão por uma análise mais aprofundada do que no passado. A participação do

BNDES deverá situar-se entre 40 e 50% do investimento total. Alguns projetos já estão aprovados, como por exemplo:

- expansão da Klabin Riocell de 300 mil para 370 mil t/a de celulose branqueada de eucalipto. Investimento total de R\$ 314 milhões e apoio do BNDES de R\$ 169 milhões;
- modernização da máquina de papel kraft das Indústrias Klabin em Santa Catarina, com implantação de uma nova linha de sacos e envelopes e programa trienal de reflorestamento em Santa Catarina e Paraná. Investimento total de R\$ 121 milhões e apoio do BNDES de R\$ 72 milhões;
- modernização da unidade das Indústrias Klabin em Telêmaco Borba, com expansão da produção de papel de 550 mil para 700 mil t/a; modernização da fábrica de São Leopoldo (RS) com expansão de 30 mil para 62 mil t/a da produção de caixas de papelão ondulado; e implantação de sistema SAP. Investimento total de R\$ 292 milhões e apoio do BNDES de R\$ 145 milhões;
- modernização da unidade industrial da Cia. Suzano e implementação de programa trienal de reflorestamento. Investimento total de R\$ 172 milhões e apoio do BNDES de R\$ 84 milhões;
- modernização de unidade industrial do grupo Orsa, localizada em Nova Campina (SP), com aumento da produção de papel em 35 t/dia e implantação de pequena central hidrelétrica de 3,5 Mw para suprimento próprio, além de programa trienal de reflorestamento de pinus. Investimento em uma nova unidade produtora de 60 mil t/a de caixas de papelão, localizada em Rio Verde (GO). Investimento total de R\$ 62 milhões e apoio do BNDES de R\$ 22 milhões. Os projetos em análise são:
 - programa trienal de reflorestamento da Bahia Sul e instalação de sistema para produção de 84 mil t/a de papel cortado. Investimento total de R\$ 100 milhões e apoio do BNDES de R\$ 45 milhões;

“O valor desembolsado pelo BNDES na década de 90 nesse setor alcançou a cifra de US\$ 4,2 bilhões, alavancando investimentos de US\$ 10,4 bilhões.”

“As metas estabelecidas no Plano Estratégico do BNDES prevêem desembolsos de R\$ 5,5 bilhões em 2005, com apoio anual a mais de 100.000 empreendimentos.”

- instalação, pela Ibema, de uma nova máquina de papel cartão de 67 mil t/a de capacidade no Estado do Paraná. Investimento total de R\$ 60 milhões e apoio do BNDES de R\$ 32 milhões;
- expansão em 700 mil t/a da produção de celulose da Aracruz Celulose, no Espírito Santo. Investimento total de R\$ 1,725 bilhão e apoio do BNDES de cerca de 45%;
- expansão em 400 mil t/a da produção de celulose da Votorantim Celulose, em São Paulo. Investimento total de R\$ 1,044 bilhão e apoio do BNDES de cerca de 45%.

C&P - Há queixas de que o BNDES ainda não “espichou” o S do Social. Algum projeto específico ou geral?

Gros - Os números comprovam que o BNDES está investindo cada vez mais fortemente no social. Os desembolsos do BNDES para apoio a projetos de desenvolvimento social deverão passar dos R\$ 950 milhões liberados em 1999 para cerca de R\$ 1,5 bilhões neste ano. O BNDES estabeleceu como uma das prioridades fixadas pelo Plano Estratégico 2000-2005, o apoio aos empreendimentos que representem impacto direto no desenvolvimento social e na melhoria da qualidade de vida da população brasileira. Estes investimentos destinam-se, principalmente, à infraestrutura urbana (saneamento e transporte urbano de massa); serviços sociais básicos (saúde e educação); modernização da gestão pública; e manutenção e geração de oportunidades de trabalho e renda.

Recentemente, o BNDES passou a apoiar com ênfase especial projetos do setor industrial que incluem, além dos objetivos de expansão ou modernização da produção, investimentos de cunho social nas comunidades eventualmente abrangidas pelo impacto dos empreendimentos. O Plano Estratégico determinou que o percentual de aplicações em projetos de cunho social

deverá quadruplicar até 2005, passando dos atuais 4% para 17% do total de desembolsos do BNDES.

C&P - Há queixas também de que os financiamentos do Banco são para grandes empresas, como o caso recente das de telecomunicações, e não atendem médias e pequenas. Como será em 2001 ou 2005, quando os recursos de financiamento do BNDES dobram?

Gros - O BNDES vem incrementando progressivamente seu apoio às micro, pequenas e médias empresas. Em 1997 foram liberados R\$ 2,2 bilhões; em 1998, R\$ 2,3 bilhões; e em 1999, R\$ 2,8 bilhões. Em termos de número de operações, dos 60.000 financiamentos concedidos no ano passado, mais de 90% foram destinados às micro, pequenas e médias empresas. Até o mês de outubro de 2000 já haviam sido desembolsados naquele ano R\$ 3,5 bilhões, correspondentes a 83.000 empréstimos, ou seja, um crescimento da ordem de 67% em valor e de 96% no volume de operações de crédito para esses segmentos. As metas estabelecidas no Plano Estratégico do BNDES prevêem desembolsos de R\$ 5,5 bilhões em 2005, com apoio anual a mais de 100.000 empreendimentos. Nesse apoio também serão beneficiadas mais de 20.000 empresas que integram cadeias produtivas de grandes empresas, na condição de fornecedores, como já é o caso do setor de telecomunicações e de outros setores em que o BNDES apoia empreendimentos de grande porte. Além disso, está prevista a incorporação ao mercado formal de mais de 60.000 micro-empresendedores por meio da atuação integrada com instituições executoras de capacitação empresarial.

No âmbito do capital de risco, pelo menos R\$ 500 milhões serão alocados para o apoio a projetos dos segmentos de inovação tecnológica. Dessa forma, teremos um comprometimento orçamentário significativo e crescente para com as micro, pequenas e médias empresas até 2005.

C&P - E os juros tenderão a ser reduzidos, a exemplo do que empresários já aplaudiram na última redução da TJLP? Há previsão no presente cenário?

Gros - Sem dúvida. A exemplo de toda a estrutura de juros da economia, que vem seguindo uma tendência de lento mas progressivo declínio ao longo do tempo, a TJLP também deverá seguir essa trajetória neste 2001. Atualmente, a TJLP é determinada em função de uma fórmula que combina a meta de inflação oficial com um componente que mede o risco-país. Em relação ao primeiro elemento, não há dúvidas de que ano que vem ele irá cair, pois a inflação deverá ser menor. No que tange ao componente de risco-país, temos confiança de que ele irá refletir a progressiva melhoria dos indicadores macroeconômicos brasileiros. A curto prazo, porém, o indicador é contaminado pelo que um colunista econômico recentemente chamou de "Lei de Murphy da economia brasileira", já que tudo que não devia acontecer está acontecendo aqui com o problema energético e lá fora, ou seja, preço do petróleo elevado, problemas com a Argentina e volatilidade do mercado acionário dos EUA e tudo isso prejudica o "spread" pago pelos papéis brasileiros.

C&P - Projetos de repactuação das dívidas estão no programa da sua gestão?

Gros - A renegociação de dívidas é atividade usual do BNDES, inserida no âmbito dos procedimentos administrativos destinados à recuperação dos créditos do Banco, decorrentes de operações que estejam em situação eventual de curso problemático. Ou seja, trata-se de atividade operacional, como as demais do BNDES, não fazendo parte de qualquer programa específico da atual Alta Administração do Banco.

Não há, portanto, a intenção nem a necessidade de se introduzir qualquer modificação na política do BNDES no que diz respeito à repactuação de dívidas, que devem ser evitadas sempre que possível.

Nos casos em que a renegociação se torna inevitável, é política do Banco exigir um pagamento de pelo menos 10% do saldo devedor, bem como a retomada imediata do fluxo de pagamentos.

C&P - Como homem que já dirigiu a maior empresa setorial de celulose, o que pensa do futuro do segmento em relação ao quadro mundial de fusões e aquisições? O que precisamos fazer para não perder o "bonde" do mercado globalizado, maximizando nossas vantagens comparativas ameaçadas pela concorrência com juros reduzidos e maiores prazos de financiamentos, incentivos fiscais a formação de florestas etc.?

Gros - Encaro com muito otimismo o futuro do setor de papel e celulose no Brasil. Temos claras vantagens competitivas no setor, com os menores custos de matéria-prima do planeta, instalações industriais modernas e competitivas, e boa oferta de recursos de financiamento disponibilizados pelo BNDES, entre outras. Cabe, no entanto, reconhecer que as nossas empresas ainda não têm a escala necessária para competir num mundo cada vez mais globalizado. Cabe, portanto, esperar que os nossos empresários possam se aglutinar em torno de empresas de maior porte, com gestão profissional e acesso aos mercados de capital globais. O BNDES está pronto a apoiar iniciativas nesse sentido, como aliás já o vem fazendo.

C&P - E o programa do BNDES na sua gestão e projeções futuras?

Gros - Após um amplo processo de discussão interna, o BNDES elaborou o seu Plano Estratégico 2000-2005, em que coloca para a sociedade a sua visão do desenvolvimento econômico e social do País, e indica as áreas em que atuará de forma prioritária. É importante que trabalhe todos - empresários e Governo - no sentido de implantarmos esses programas, construindo uma parceria no dia-a-dia que certamente contribuirá para o desenvolvimento do Brasil.

*“Encaro
com muito
otimismo
o futuro
do setor
de papel e
celulose
no Brasil.”*



Projeto de lei proíbe plantio de eucalipto no ES

O projeto de lei 252/2001 de autoria do deputado estadual Nasser Youssef, proíbe por tempo indeterminado, o plantio de eucalipto para fins de produção de celulose no Espírito Santo

Vera Monteiro

arquivo Aracruz Celulose



Os plantios de eucalipto da Aracruz são entremeados com reservas florestais a fim de assegurar o equilíbrio do ecossistema. Essas reservas abrigam rica biodiversidade e nelas já foram identificadas mais de 400 espécies de aves, entre as quais 15 ameaçadas de extinção



O projeto de lei de autoria do deputado Nasser Youssef -, que proíbe o plantio de eucalipto destinado à produção de celulose, vem surpreendendo a opinião pública uma vez que a medida atinge em cheio as empresas produtoras de papel e celulose instaladas no Espírito Santo. O projeto foi submetido à sanção do governador, José

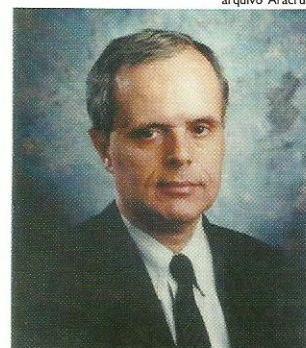
Ignácio Ferreira, que manifestou sua discordância sobre o assunto. A proibição do plantio florestal trouxe surpresa e indignação geral em face da ausência de um debate mais amplo sobre o assunto já que aquela região possui vocação natural possibilitando um desenvolvimento harmônico e sustentável por permitir que vários setores se beneficiem da presença da cobertura florestal, natural ou

plantada. Até porque é de extrema importância a manutenção da biodiversidade das florestas naturais da região, que têm a função de proteger fauna, solos e recursos hídricos. “O projeto de lei altera as regras no meio do jogo, criando um grave clima de incerteza política para a realização de investimentos no Espírito Santo e no país”, argumenta Carlos Alberto Roxo, gerente de Meio Ambiente e Relações Corporativas da Aracruz Celulose. Segundo Roxo, se isso ocorrer vai impactar um projeto de 850 milhões de dólares, totalmente licenciado pelos órgãos ambientais (realizado após estudo de impacto ambiental e audiência pública) que prevê o plantio de eucaliptos em 17 mil hectares no Espírito Santo, além de 30 mil hectares dentro do programa de fomento florestal com fazendeiros. “O projeto é discriminatório, pois proíbe apenas o plantio de eucaliptos para fins de produção de celulose, deixando os plantios para outros fins livres de restrições”, lembra. Já para o presidente da Sociedade Brasileira de Silvicultura, Nelson Barboza Leite, a única explicação aceitável é a total falta de informações dos legisladores capixabas a respeito da cultura de eucalipto e de seus benefícios. “Consideramos um desrespeito à ciência florestal brasileira e aos proprietários rurais daquele estado. A proibição do

plantio nega ao cidadão o direito de escolher e a maneira de utilizar seu patrimônio tirando a oportunidade dos pequenos proprietários de usufruírem também dos benefícios econômicos da competitividade de um segmento industrial altamente contributivo ao estado e ao país. Com certeza, o Governador do Estado vetará esta iniciativa altamente prejudicial à região, à silvicultura e à economia brasileira”, ratifica Barboza.

Na tese de doutoramento denominada “diagnóstico da situação florestal do Espírito Santo”, o professor Luiz Fernando Schettino, da Universidade Federal de Viçosa (MG) sugere estabelecer um plantio de gestão sustentável, na qual muitas respostas acerca da atividade florestal podem ser mais bem compreendidas, incluindo a geração de empregos, rendas, impostos e taxas dessa importante e fundamental atividade para o desenvolvimento sustentável do Espírito Santo.

Em reunião agendada pelo governador, o presidente da Federação das indústrias do Espírito Santo (Findes), Fernando Antonio Vaz, disse que os empresários manifestaram solidariedade à Aracruz Celulose opondo-se ao projeto de lei que proíbe o plantio de eucalipto destinado à produção de celulose.



Carlos Alberto Roxo, gerente de Meio Ambiente e Relações Corporativas da Aracruz Celulose

“O projeto é discriminatório, pois proíbe apenas o plantio de eucaliptos para fins de produção de celulose, deixando os plantios para outros fins livres de restrições”

Código Florestal em debate

A medida provisória 2.080 foi reeditada por 65 vezes. Agora, o polêmico debate sobre o Código Florestal volta ao Legislativo. O texto do Executivo estabelece 80% de área de preservação em propriedade rural na Amazônia legal. O documento altera a lei 4.771 de 15 de setembro de 1965, que fixava em 50% a parte a ficar intocada na propriedade. A proposta é duramente contestada pelas ONGS e defensores do meio ambiente com o apoio dos formadores de opinião. De outro lado, estão os interessados em projetos de mineração: Confederação Nacional de Agricultura e demais empresas. Pressionado pelo segmento ecológico, Fernando Henrique Cardoso optou por reeditar a MP. A Amazônia por sua vez, já tem 75% de sua extensão preservada por lei. Dessa forma, o projeto permitiria desmatamento de até metade da área nas propriedades, reconhecidas pelo Inbra, somente nos 25% restantes. Mesmo assim, o limite de 80% de preservação valeria até que os estados da região completassem o zoneamento econômico e ecológico. As projeções quanto ao custo do levantamento apenas de Rondônia devem ficar em torno de US\$ 20 milhões. Depois de pronto, Inpe, Embrapa, IBGE, Ibama e CPRM, dariam as palavras finais sobre onde a ocupação econômica justificasse uma menor reserva legal. A última informação obtida até o fechamento da revista era de que a votação nas mudanças do código florestal foi adiada para o segundo semestre, em princípio para o mês de setembro.

Plano Nacional de Florestas

Política Nacional de Florestas edita princípios, padrões e normas de gestão florestal sustentável abrangendo os bens e serviços florestais: conservação dos ecossistemas e a melhoria da qualidade de vida.

Aracruz, Votorantim, Cenibra, International Paper, Klabin, Pisa, Ripasa, Bahia Sul e outras estão desenvolvendo amplos programas de fomento florestal. Estima-se que os estímulos creditícios e o apoio das grandes indústrias poderá beneficiar mais de 50.000 famílias que se localizam em torno dos grandes empreendimentos industriais. "O pequeno e médio produtor rural podem se beneficiar da competitividade da indústria brasileira de base florestal", explica Barboza Leite, da SBS. "Parte do crescimento industrial vai se dar com o aumento da capacidade produtiva das indústrias já existentes. Esse crescimento vai exigir mais matéria-prima madeira e essa madeira pode ser produzida pelos proprietários rurais localizados ao redor das indústrias. Essa integração é muito interessante para as duas partes. Florestas produtivas e bem localizadas são um excelente negócio para o produtor rural. Essa terceirização da produção já vem sendo incentivada há alguns anos, através dos programas de fomento desenvolvidos pelas principais indústrias do Brasil". Segundo os analistas, com o lançamento do PNF é possível dizer que o Brasil terá um novo ciclo de reflorestamento: "É o início do processo. Temos um rico diagnóstico das necessidades, das limitações e das principais ações que precisam ser implementadas pelo governo. A grande limitação é sem dúvida a viabilização de recursos financeiros para o pequeno, médio e grande produtor. Há necessidade de créditos ou financiamentos compatíveis com as características do setor. Não se cogita de recursos a fundo perdido, mas de recursos compatíveis com a atividade. Quando encontrarmos a solução para essa questão, aí sim, teremos iniciado o novo ciclo do reflorestamento", assegura Barboza Leite, presidente da Sociedade Brasileira de Silvicultura. Sem o aumento da base florestal estaremos limitando o crescimento de segmentos industriais altamente competitivos no mercado internacional. Para Barboza Leite, este é o caso por exemplo do setor de papel e celulose, siderurgia etc. Esses segmentos

industriais contribuem significativamente com as exportações e geração de empregos. "São indústrias afastadas dos grandes centros que se constituem em importantes vetores de desenvolvimento social e econômico às regiões menos favorecidas. O crescimento desses segmentos industriais está atualmente, condicionado à disponibilidade da madeira. Não há possibilidade de ampliações significativas. A atual produção industrial depende quase que exclusivamente dos estoques formados anteriormente. Política Nacional de Florestas edita princípios, padrões e normas de gestão florestal sustentável abrangendo os bens e serviços florestais: conservação dos ecossistemas e a melhoria da qualidade de vida.

A importância do setor florestal na economia nacional pode ser avaliada a partir de macroindicadores que posicionam as atividades florestais na formação do PIB, geração de divisas e contribuição para a melhoria da qualidade de vida da sociedade. O setor florestal contribui com cerca de 5% na formação do PIB Nacional e com 8% das exportações nacionais; gera 1,6 milhão de empregos diretos, 5,6 milhões de indiretos e uma receita anual de R\$ 20 bilhões; recolhe anualmente R\$ 3 bilhões de impostos; conserva uma megadiversidade biológica; tem 6,4 milhões de hectares de florestas plantadas, sendo 4,8 milhões com florestas de produção de Pinus e Eucaliptos, mantém 2,6 milhões de hectares de florestas nativas, inseridas nos reflorestamentos. Também possui cerca de 15 milhões de hectares de Florestas Nacionais.

Até o fechamento da revista ficou decidido que a proibição do plantio de eucalipto no Espírito Santo para a produção de celulose não será resolvida tão cedo. A discussão será retomada pela Assembléia Legislativa somente no mês de agosto, após o fim do recesso parlamentar.

O governador do Espírito Santo, José Ignácio Ferreira, anunciou durante o fechamento desta edição que irá vetar o absurdo projeto.

Mercado futuro projeta retomada

Simone Paranhos e Lucas Proença

Osopro dos ventos que passa pela economia brasileira indica que haverá tempo de instabilidade no segmento de papel e celulose. As empresas tiveram de tirar o pé do acelerador do crescimento, que vinha sendo embalado pelos resultados positivos do ano passado e pelas boas perspectivas para este ano. As tormentas a serem enfrentadas são muitas - racionamento de energia elétrica, taxa de juros em alta e oscilação nervosa do câmbio -, mas a expectativa é que o saldo ainda será positivo depois que a tempestade passar. "Se o perigo do apagão pegou de surpresa o consumidor residencial, isso não aconteceu com a indústria que já vinha se preparando para o problema há pelo menos oito anos", afirma o diretor setorial de produtos florestais do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), Antônio Carlos Valença.

Todo ano que as empresas de papel e celulose mostram balanços positivos, o consumo de papel costuma repetir a mesma marca do Produto Interno Bruto (PIB), lembra Raul Calfat, da VCP (Votorantim Papel e Celulose). Antes do impacto do racionamento, cálculos do governo projetavam um índice superior a 4,5% para o PIB no primeiro ano do século 21. Economistas e governo estão refazendo esses números e há uma esperança que o crescimento do país em 2001 fique em torno dos 2%. O presidente da Associação Brasileira de Celulose e Papel (Bracelpa), Bóris Tabacof, acredita que a capacidade de resposta do setor aos efeitos do racionamento será maior que o esperado. Ele estima que, na pior das hipóteses, haverá uma redução entre 300 mil e 350 mil toneladas na produção, principalmente de papel. Vale destacar que os produtores de celulose são totalmente independentes da compra de energia pois possuem suas próprias geradoras. Pelos dados da Bracelpa, o país produz por ano em torno

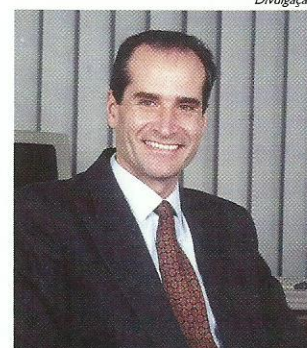
de 7.1 milhões de toneladas de papel e 7.4 milhões de toneladas de celulose.

No mercado internacional, o ritmo também é de expectativa para o setor. Estados Unidos e Europa continuam com crescimento lento. O mercado da Ásia, como era esperado, patina sem boas notícias. Mas os analistas internacionais que trabalham para investidores com muito dinheiro em caixa trazem um pouco mais de otimismo. A curva ascendente dos preços de produtos florestais deverá atingir seu pico em 2002, dizem as análises de consultorias internacionais como Morgan Stanley e Merrill Lynch. Na crença dos mais otimistas, 2000 estava apenas no meio de um promissor ciclo de crescimento, pois existiria dois anos de evolução contínua de preços.

No entanto, o fato é que o preço da tonelada de celulose no mercado internacional vem caindo desde o final do ano passado. Chegou a ser cotado a US\$ 690, o que fez a alegria dos exportadores brasileiros - que chegam a exportar grande parte da produção. Em junho passado, no entanto, o preço da tonelada estava cotado a US\$ 480. "Com esse preço ainda é possível manter a produção, mas a perspectiva é que não caia mais, embora isso dependa muito do comportamento da economia mundial", avalia Antônio Carlos Valença.

De qualquer forma, no Brasil, o perigo de tempestades na economia já é comum. O país ainda não conseguiu debelar a imagem de instabilidade aos olhos dos investidores estrangeiros. "O Brasil vai demorar um bom tempo até conseguir mudar isso, foram muitos anos de crises econômicas, políticas e sociais", destaca Valença. Isso não quer dizer, nas palavras de Valença, que não haja interesse das grandes empresas internacionais. São constantes as visitas de representantes de grandes grupos produtores de papel e celulose nas dependências do BNDES, a fim de saber um pouco mais do mercado brasileiro. A finlandesa UPM é um exemplo típico. Esteve

Todo ano que as empresas de papel e celulose mostram balanços positivos, o consumo de papel costuma repetir a mesma marca do Produto Interno Bruto (PIB)



Raul Calfat

Divulgação

O mercado doméstico atrai muito porque tem boa chance de crescer a taxas de 5% ao ano. Na Europa, por exemplo, quando o crescimento é bom não passa de 2% ou 3%

até o último momento interessada na compra dos ativos da Cenibra e ainda está de olho no Brasil. "O mercado doméstico atrai muito porque tem boa chance de crescer a taxas de 5% ao ano. Na Europa, por exemplo, quando o crescimento é bom não passa de 2% ou 3%", afirma o gerente do BNDES. Um fator importante que serviu para movimentar as peças de xadrez no mercado nacional, foi a venda dos ativos da Companhia Vale do Rio Doce (CVRD), adquiridos por um consórcio japonês (JBP), que exerceu seu direito de preferência. Os primeiros lugares estarão garantidos para aquelas empresas que se preocuparam em investimentos nos últimos meses. É o caso da Aracruz que providencia uma nova linha de produção para início de operações no próximo ano e que ampliará sua capacidade em 700 toneladas.

Para tocar o projeto, o BNDES liberou R\$ 666,3 milhões e a empresa deverá dobrar sua produção para 2 milhões de toneladas/ano, implicando em receita adicional de US\$ 300 milhões/ano só em exportação, além de 200 novos empregos na indústria e outros 2.100 na área florestal.

No ranking mundial de vendas de celulose e papel, a Aracruz ocupa a 86ª posição com aproximadamente US\$ 500 milhões, de acordo com dados de 1999, o último disponível. Há possibilidade de chegar a US\$ 1 bilhão, o que conseqüentemente a lançaria entre as 50 maiores companhias do setor do mundo. No caso da VCP a situação é parecida. Com a ampliação da unidade de Jacaré, no interior de São Paulo, a produção cresce já em 2002 para mais 400 mil toneladas. Na lista de vendas, a VCP ocupa o 76º lugar no mundo, com cerca de US 618 milhões. Segundo projeções feitas pelos técnicos do BNDES, as vendas da empresa poderão saltar para US\$ 800 milhões, proporcionando mais dez ou 15 posições no ranking. O vaivém da classificação no ranking mundial de papel e celulose também se explica pela intrincada conjuntura internacional.

Em plena fase de mudanças proporcionadas pelo mercado globalizado, os movimentos de fusões e aquisições têm sido intensos desde 1999. Uma das mais recentes movimentações foi a da Stora Enso que pagou US\$ 4,8 bilhões pela norte-americana Consolidated Papers Inc, situada entre as 30

maiores empresas do segmento do mundo. A nova companhia já é a segunda maior do planeta, com uma capacidade anual de produção de 15 milhões de toneladas e US\$ 10.5 bilhões em vendas. Por conta de mudanças como essa, fica cada vez mais difícil elaborar um ranking duradouro das maiores companhias de papel e celulose do mundo (hoje a International Paper lidera a lista, seguida pela Stora Enso. Depois da terceira colocação, entretanto, a disputa é acirrada. Atualmente, a japonesa Oji Paper ocupa o posto).

É justamente por causa da chamada globalização que as indústrias do setor devem mudar bastante. O crescimento do mercado asiático é um bom exemplo disso. Atualmente a região é responsável por 30% da demanda global de papel. Há 20 anos o percentual era de 19%. O presidente da Resource Information Systems Inc (RISI), Rodney Young, disse na 15ª Conferência Anual de Produtos Florestais, realizada em Cambridge, nos EUA, que as companhias do setor começaram a olhar para além das fronteiras. Nas palavras dele, o mundo poderia ser considerado "bipolar", com transações comerciais praticamente restritas entre América do Norte e Europa. Com o crescimento do mercado asiático, Young ilustrou sua declaração afirmando que o mundo se tornou "tripolar".

Outro corolário da nova ordem econômica mundial, porém, é a concentração de mercado sob o domínio de grandes companhias (as primeiras cinco maiores empresas mundiais, por exemplo, vendem mais de US\$ 50 bilhões por ano, as 150 maiores, juntas, representam por volta de US\$ 220 bilhões). Pesquisas realizadas por institutos internacionais indicam que a demanda mundial de celulose deverá crescer a uma taxa média anual de 2,7%, sendo de 4,6% para celulose de fibra curta e de 2,8% para papel, considerando as necessidades variáveis dos diferentes segmentos produtivos", informa o presidente da Bracelpa, Boris Tabacof.

A propósito da concentração de mercado em torno de poucas empresas, Valença do BNDES faz uma pequena comparação com a situação brasileira. Pouco mudou no país nos últimos 11 anos. Pelos dados de Valença, as 10 maiores empresas nacionais em 1989 tinham

Divulgação



Boris Tabacof

maiores empresas nacionais em 1989 tinham 54% da capacidade instalada. Esse índice atualizado não passa de 58%. “O grau de concentração das empresas internacionais mudou muito nesse período, mas aqui no Brasil isso foi quase nada.” Discussões desse tipo levam a outro tipo de indagação. Em época de mercado globalizado ditando regras bem definidas como enorme produção em escala, emprego de alta tecnologia e financiamento de longo prazo com juros baixos, como ficam a competitividade das pequenas empresas? “Empresas com máquinas defasadas e preços menos competitivos terão de mudar o portfólio de produtos, agregar valor e competir em outros segmentos”, sugere Raul Calfat. O gerente do BNDES compara a situação brasileira com grandes produtores de papel e celulose, como a Finlândia. Lá existem quatro grandes grupos e cerca de 20 pequenas e médias empresas. “Só que produzem 50% mais que o Brasil. Não sei se o ideal seria ter poucos grupos no Brasil”, afirma.

A grande diferença, diz Valença, é que no Brasil a regra são as empresas familiares, ao passo que nos países desenvolvidos os grandes grupos têm uma quantidade muito grande de acionistas. “Por outro lado se você pegar o anuário da Bracelpa de dez anos atrás vai ver que não mudou muita coisa, não arriscaria dizer que as pequenas empresas vão sumir.” Há quem prefira permanecer pequeno, num nicho de mercado mais dedicado e que faz um produto com

qualidade bem acima da média, resume Sergio Alves, vice-presidente de papel e celulose da Suzano, que ressalta, no entanto, o ganho de competitividade que as empresas nacionais obtiveram para exportar seus produtos depois da desvalorização do câmbio. “Acho positivo mas esse não é o melhor caminho”, observa. Para ele, os custos de produção cada vez maiores por causa dos reajustes dos combustíveis, excesso de impostos, entre outras coisas, prejudicam a competitividade. “Por isso a importância de se eliminar impostos com uma reforma tributária”, defende.

Na visão dos analistas do BNDES, não basta visualizar nuvens negras no mercado interno ou mesmo em economias distantes. Bem do lado do Brasil, a crise da Argentina poderá atrapalhar muito. “Um terço das exportações de papel vai para a Argentina, que é um mercado importante, mas se a crise deles piorar é mais uma razão para os investidores estrangeiros usarem a cautela”, observa Valença.

O vice-presidente da Suzano, Sergio Arthur Ferreira Alves, ressalta, porém, que a “Argentina não é um player muito significativo”. Segundo ele, a preocupação relativa ao maior vizinho brasileiro é com relação ao aspecto macroeconômico, como a influência na taxa de câmbio. Raul Calfat parte da mesma análise de Alves. “A Argentina como potencial de mercado pesa muito pouco.” O problema, mais uma vez, define Calfat, é a macroeconomia, por causa da interferência na taxa de juros. ♻️

Acessar este portal é como usar
o gás natural: só tem vantagens.
www.gasenergia.com.br



Tabela
de preços

Breve:



Banco de
empregos



Prestadores
de serviço



Chat



Fórum


www.gasenergia.com.br

Patrocinado:

 PETROBRAS
MINISTÉRIO DE
MINAS E ENERGIA
GOVERNO
FEDERAL DO BRASIL

Max Feffer, o pioneiro

A morte de Max Feffer foi muito sentida no segmento produtivo de celulose e papel, ao qual ele estava intimamente ligado em sua vida profissional. Presidente e controlador da Cia. Suzano de Papel e Celulose ele veio a falecer, aos 74 anos, quando a empresa começava a dar passos de gigante na sua expansão.

O maior marco de Max para o setor foi a condução do processo pioneiro de produção de celulose do eucalipto, a partir do qual o Brasil pode galgar, com sensíveis vantagens comparativas, o seu espaço na liderança dos países produtores e, principalmente, avançar sem recuos no competitivo mercado mundial. Max Feffer e sua equipe deslocaram-se para um laboratório alugado nos Estados Unidos — em 1954, na Universidade da Flórida, em Gainesville — e puderam, ao final de um longo período de expectativa e trabalho produtivo, ver o lenho cultivado no Brasil mostrar-se um insumo dos melhores para a produção da principal matéria-prima do papel. Foi a partir desse passo pioneiro que o Brasil galgou sua posição de principal exportador de celulose de fibra curta.

Com esse empresário dinâmico a Cia. Suzano deu passos de gigante nos processos de pesquisa e desenvolvimento, ampliou suas atividades à área petroquímica e manteve-se em permanente estado de

expansão de seus conjuntos industriais, além de uma expressiva participação na Bahia Sul Celulose, cuja participação de sua sócia, Vale do Rio Doce, veio a adquirir recentemente.

Empresário ligado ao mundo das artes, apaixonado por jazz, Max Feffer foi secretário de Estado da Cultura, Ciência e Tecnologia de São Paulo (1976/1979), presidente do Conselho Curador da Fundação Padre Anchieta, diretor do MASP e sócio fundador do Museu de Arte Moderna.

Em nome dos dirigentes da BRACELPA, o empresário Osmar Zogbi, sintetizou: “Max - não perdemos apenas o amigo e companheiro de jornada, mas também um dos maiores empreendedores da liderança brasileira”.

Boris Tabacof, presidente da Bracelpa e do Conselho Administrativo da Suzano, depõe: “Convivi com Max Feffer durante 26 anos e, entre outras qualificações, sempre admirei a sua criatividade e a sua forma de agir e pensar grande. A indústria brasileira muito deve a Max Feffer”.

Mário Leonel, executivo da Bracelpa que trabalhou no governo Paulo Egidio Martins quando Max foi Secretário de Estado, complementa: “Com realizações pioneiras Max soube harmonizar seus interesses, partilhando seu tempo entre a família, os negócios, a cultura e o lazer. Marcou sua vida por grandes gestos e por isso só deixou amigos”.

Divulgação



Max Feffer, Secretário do Estado no governo de Paulo Egidio Marins

NOVA GESTÃO

Em Assembléia Geral, a Cia. Suzano manteve sua decisão estratégica de profissionalização implementada por Max Feffer, após o período em que o empresário falecido foi provisoriamente substituído pelo executivo Boris Tabacof. Assumiu a presidência do grupo seu filho David Feffer, que como diretor executivo já acompanhava e participava das ações do seu pai e da empresa. Foram criadas seis vice-presidências dentro de uma nova estrutura. Como vice-presidente corporativo, Daniel Feffer, também filho de Max, responde pela comunicação institucional, auditoria, relações institucionais e política de recursos humanos. Adhemar Magon é vice-presidente de planejamento e controle financeiro e de relações com investidores, além de integrar o conselho de Administração da Bahia Sul; José Carlos Penteado Mazagão responde pela vice-presidência jurídica e de desenvolvimento; Armando Guedes é vice-presidente de petroquímica do grupo e Sérgio Alves vice-presidente de papel e celulose, ambos com autonomia para desenvolver negócios. O Conselho de Administração é presidido por Boris Tabacof. Foram criadas duas novas diretorias: Pedro Cornacchione tratará de assuntos fiscais, legais e tributários e Fernando Guimarães cuidará de recursos humanos e comunicação institucional.

Novela do leilão da Cenibra teve um final de suspense

Parceria de empresas nacionais fortaleceria o setor de celulose e papel frente à concorrência internacional

Vera Monteiro



Calfat, Dauster e Aguiar comemoram o resultado posteriormente invalidado pela JBP

A esperada mudança no cenário brasileiro de produção do segmento de celulose e papel, ensejando uma nova fase em que a produção de escala elevada iria promover alterações profundas foi congelada. O leilão da maioria das ações da Cenibra pela Cia. Vale do Rio Doce, que busca concentrar-se nos seus negócios básicos de atuação, frustrou as expectativas das alterações esperadas. Houve lances surpreendentes na disputa, inicialmente inesperada, entre a proposta aparentemente vencedora do consórcio brasileiro formado pela Aracruz e Votorantim Celulose, que pagou US\$ 670 milhões no leilão realizado pela Vale, em junho, pelos 51,48% das ações

que a empresa, como controladora majoritária, detinha sobre a Cenibra.

As informações até três dias antes de expirar o prazo do exercício de preferência pelo Japan Brazilian Paper (JBP), na sexta-feira, 6 de julho, davam conta de que dos menos de 20 participantes do consórcio japonês, os acionistas minoritários aceitaram a oferta das empresas brasileiras e não pretendiam empregar mais recursos para exercer o direito de compra. Mas os lances dos majoritários, liderados pela Oji Paper – a terceira do mundo — movimentavam os bastidores do grupo japonês, onde as pequenas detinham apenas 11,39% para fazer valer sua voz discordante. Para assegurar a necessária unanimidade a Oji,

O leilão da maioria das ações da Cenibra pela Cia. Vale do Rio Doce, que busca concentrar-se nos seus negócios básicos de atuação, frustrou as expectativas



Caminhões de transportes realizam toda a logística da Cenibra

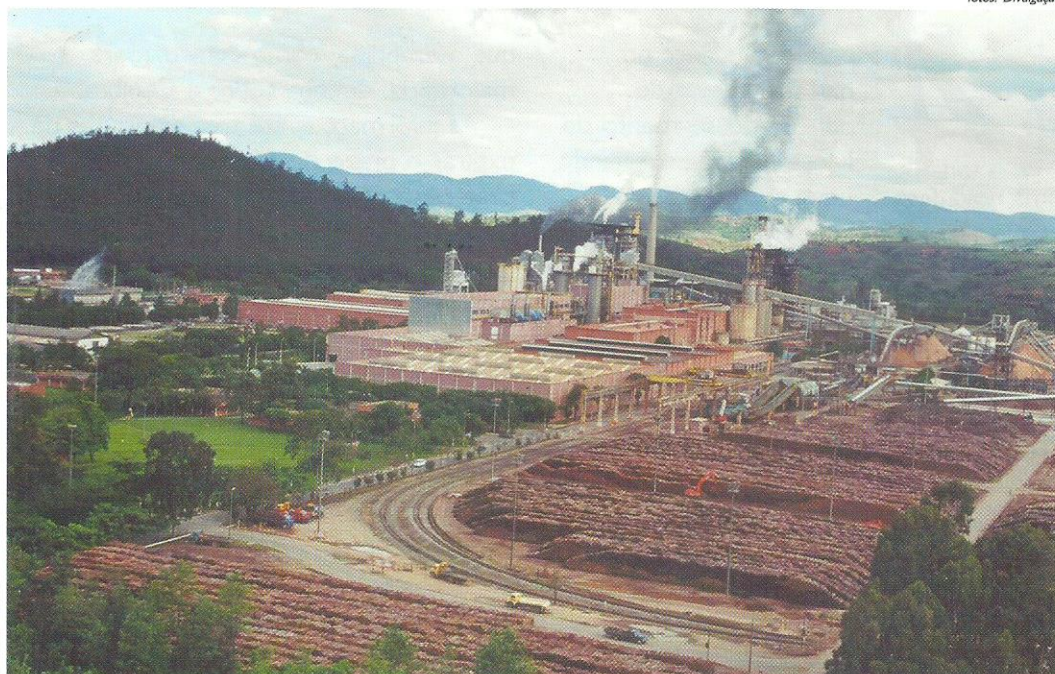
a união da VCP e Aracruz marcou um propósito de convergência de forças estratégico num momento de boa oportunidade de negócios que iria dar maior vigor ao poder de competitividade brasileira junto à concorrência internacional

que detinha 21,27% do JBP, acabou por adquirir a participação dos minoritários. Outros sócios, o Japan Bank Internacional (33,5%), a Nippon Paper (21,27%) e a *trade* Itochu, se compuseram com a Oji e o fato veio a baila, provocando reboiço no Brasil, inclusive com repercussões na Bolsa de Valores, com a notícia de um órgão de imprensa do Japão, posteriormente confirmada por fontes ligadas às empresas envolvidas. O JBP deixou para o último instante do dia do vencimento dos seus direitos preferenciais, a comunicação formal à Cia. Vale do Rio Doce.

A novela que mobilizou a audiência do segmento de celulose e papel parece que vai ter andamento com capítulos complementares. As empresas japonesas que por mais de 30 anos nunca desejaram o controle da Cenibra mudaram de posição quando a Vale do Rio Doce anunciou sua intenção de desfazer-se de sua participação na empresa. O estopim dessa nova atitude foi o desejo da Oji Paper que, encontrando resistências de seus outros 15 parceiros na JBP, decidiu apropriar-se da Cenibra adquirindo as parcelas dos que tinham opiniões contrárias. Ela almeja, acima de tudo, assegurar a produção e o carreamento da celulose brasileira de fibra curta para suprir suas necessidades programadas de expansão da produção de papel na Ásia. Um projeto nada modesto que alcança 3 milhões de toneladas num horizonte de cinco anos.

Do lado brasileiro, mesmo sem o êxito desejado, a união da VCP e Aracruz marcou um propósito de convergência de forças estratégico num momento de boa oportunidade de negócios que iria dar maior vigor ao poder de competitividade brasileira junto à concorrência internacional.

A melhor parte para a Oji é que o contrato com a Cenibra previa o fornecimento de metade da sua



fotos: Divulgação

Cenibra: a 4a. colocada no ranking nacional de produção

produção ao consórcio japonês, com preço 7% inferior ao do mercado. Eram 400 mil toneladas que poderão ter acréscimos substanciais com os japoneses transformando-se em majoritários ou únicos donos da produtora brasileira.

CENIBRA 4ª POSIÇÃO NO RANKING NACIONAL

A Cenibra detém a quarta colocação no ranking nacional de produção e só perde para Aracruz, Klabin e Suzano. A empresa produz 860 mil toneladas de celulose branqueada fibra curta/ano, exporta 92% da produção e faturou R\$ 838,6 milhões em 2000, crescendo 34,9% comparado ao ano de 1999. Ao mesmo tempo, está em processo de saneamento das áreas financeira e operacional reduzindo o seu endividamento para US\$ 255 milhões, ante os US\$ 491 milhões registrados em 1999. A empresa também é auto-suficiente em energia. De acordo com uma importante fonte da empresa, a Cenibra consome 90 MW/h de energia e apenas 3% vem da concessionária mineira Cemig. Possui capacidade de gerar 100% por meio da co-geração de caldeiras - são cinco no total - e mais dois turbos geradores. A matriz energética da



*Caminhões biarticulados,
garantem economia anual
de R\$ 1,5 milhões*

Cenibra baseia-se no licor negro (resíduo de madeira) e na queima de cavacos de madeira que geram vapor. O resto completa-se com óleo combustível. A empresa já começou a trazer soda do exterior por temer que seus fornecedores sejam prejudicados com a crise energética: “A Cenibra também possui um plano de contingência, já em funcionamento, para a crise energética”, assegura a mesma fonte. Já importou 4 mil toneladas de soda para branquear sua celulose e garantir os contratos de exportação.

**“A Cenibra
também possui
um plano de
contingência,
já em
funcionamento,
para a crise
energética”**



*Cenibra reestrutura
a logística de
transporte florestal*

Cenibra investe R\$ 16 milhões

Até 1999, em nova logística de transporte florestal

a empresa transportava a madeira das florestas de eucalipto para a fábrica principalmente em pequenos caminhões de proprietários particulares

A Cenibra está consolidando seu programa de reestruturação da logística de transporte florestal incluindo infra-estrutura, melhorias das estradas, aquisição de caminhões e implementos num investimento total de R\$ 16 milhões: são 54 conjuntos de Rodotrem - implementos para transportar madeira, responsáveis pelo abastecimento da unidade industrial da empresa. Até 1999, a empresa transportava a madeira das florestas de eucalipto para a fábrica principalmente em pequenos caminhões de proprietários particulares, especializados para cada região de atuação. Com o aumento da produção de celulose na fábrica, houve um aumento proporcional de demanda de caminhões para o transporte da madeira, com necessidade de mudança na estrutura de transporte e na frota de veículos. A mecanização da colheita florestal foi outro fator que acelerou a mudança na logística, criando a necessidade de deslocamento mais rápido de uma região para a outra e a

demanda por caminhões mais especializados - com mais flexibilidade de atuação em todas as regiões e condições topográficas. A necessidade de novos modelos de equipamentos e o aumento da produção trouxeram novos parceiros em condições de atender a demanda crescente de transportes agregando fornecedores especializados em transporte florestal, além de garantir tranquilidade e confiabilidade no abastecimento da madeira.

NOVOS VEÍCULOS

Os rodotrens são caminhões biarticulados, com 24 metros de comprimento e dois semi-reboques de 9,40 m. A capacidade do veículo é de 74 toneladas de peso bruto, sendo 47 toneladas de carga, obedecendo o limite pela legislação vigente. O equipamento foi projetado pela Randon especialmente para a Cenibra garantindo economia anual em torno de R\$ 1,5 milhão devido à eliminação da operação de transferência de carga para caminhões especializados nos pátios intermediários, além de poder operar em condições inóspitas como terreno montanhoso. O veículo irá otimizar o transporte de dois feixes de madeira em toras de 4,40 m de comprimento, com opção de adaptação para três feixes de 2,80 m ou quatro de 2,20 m. A segurança é um dos principais benefícios do rodotrens - já que a colocação de grades na parte traseira, e o moderno sistema de fixação de cargas com catracas pneumáticas impede que as toras de madeira se desloquem ou caiam ao longo do trajeto. A logística de transporte da Cenibra está sob o comando de três das maiores empresas de transporte do país: Julio Simões, Gafor e Rodo Mar. O transporte florestal agrega a utilização de softwares especializados em simulação e otimização de recursos de transporte, com balanças automáticas para recebimento de madeira e sistema de radiocomunicação.

Como fica o ranking dos maiores produtores nacionais (em 1000 toneladas)

Klabin	1.468	1º
Aracruz	1.300	2º
Suzano	1.009	3º
Cenibra	818	4º
VCP	792	5º
Internacional Paper	405	6º
Ripasa	308	7º
Jarcel	290	8º
Rigesa	195	9º

Sergio Alves

Um carioca no ritmo de São Paulo

Vanessa Cecília da Silva

Há quase dois anos no setor papeleiro, atuando no Grupo Suzano, e eleito este ano vice-presidente de celulose e papel da Cia., Sergio Arthur Ferreira Alves vem desvendando este mercado. Em 99, o executivo aceitou o convite para participar do processo de mudança de modelo de gestão da empresa, como diretor de planejamento. Em outubro do mesmo ano, passou a ocupar a superintendência da Suzano Papel, uma das maiores produtoras integradas de papel e celulose da América Latina, em bases consolidadas, e líder em vários segmentos de produtos.

A capacidade de produção de papéis da companhia, no conjunto de suas duas unidades localizadas em Suzano (SP), atinge 510 mil toneladas anuais. "Estamos trabalhando em um projeto de modernização da planta de celulose que deve girar em torno de US\$ 100 milhões, elevando a capacidade de produção de 420 mil para 505 mil toneladas/ano", ressalta Alves. O lucro líquido da empresa nos nove primeiros meses de 2000 foi de R\$ 264,8 milhões, ou seja, 2,6 vezes maior do que verificado em todo o ano de 1999. O total do faturamento líquido em 2000 foi de R\$ 877,28 milhões.

A Companhia Suzano também atua no setor de petroquímica (resinas de polietileno e polipropileno), com ênfase em produtos de maior valor agregado.

Ex-aluno de uma das escolas mais tradicionais do Rio de Janeiro, o Colégio São Bento, com um perfil sério e concentrado, o executivo não esconde e deixa vir à tona o seu jeito carioca de ser. Falante e descontraído, Alves faz questão de ressaltar seu amor pela Cidade Maravilhosa, indo para lá todos os finais de semana. "Sou suspeito em falar, mas o Rio é o Rio", orgulha-se. E é junto de sua esposa e de seus dois filhos que curte o tão falado sol e

o sabor do chopinho carioca, e de quebra, ainda dá tempo para tirar um som e dar uma palhinha no teclado nos momentos de lazer.

Celulose & Papel - Em relação a Cia. Suzano, como o senhor avalia o ano de 2000 e quais as perspectivas para este ano?

Sergio Arthur Alves - No começo do segundo semestre do ano de 1999, os resultados do papel, no mercado mundial, melhoraram sensivelmente. Os rendimentos do de 2000 para a Suzano, segundo alguns analistas do mercado internacional, superaram as expectativas, com a recomposição do lucro da empresa, resultado, aliás, que se verificou no setor como um todo.

Celulose & Papel - Quais os novos projetos da Suzano?

Alves - Temos um, já aprovado pelo comitê executivo, de modernização da fábrica de Suzano, envolvendo a planta de celulose, que está em processo de consulta com órgãos de financiamentos e deve girar em torno de US\$ 100 milhões. Este investimento resultará no aumento da capacidade de produção de cerca de 20% da celulose, elevando as atuais 420 mil ton/ano para 505 mil toneladas. A modernização na planta de papel elevará a capacidade em 35%. Estes projetos estão voltados para os segmentos nos quais a Suzano Papel tem uma participação expressiva e que antevemos que, mercadologicamente, crescerá. É o caso da linha de papel cartão e os couchês.



Divulgação

Sergio Alves, empreendedor do modelo de gestão da Suzano

"Estamos trabalhando em um projeto de modernização da planta de celulose que deve girar em torno de US\$ 100 milhões, elevando a capacidade de produção de 420 mil para 505 mil toneladas/ano."

Celulose & Papel - Um tempo atrás , a empresa ampliou no mercado a Linha Report, papel cut-size. Foram investidos US\$ 3 milhões em engenharia e equipamentos para ampliação da unidade de acabamento do papel Report, que passou de 13 para 15 mil toneladas/mês. Quais as próximas novidades?

Alves - Finalizamos um produto confeccionado com papel reciclado no primeiro semestre de 2001. Fomos a primeira empresa a colocar no mercado

papel *off set* 100% reciclado. Na linha de papel cartão estamos elaborando novos produtos para os segmentos que demonstram oportunidade de mercado, como papel cartão para congelados.

Celulose & Papel - A Cia. Suzano passou por momentos importantes em 2000 e tristes este ano, com o falecimento de seu presidente. Vendeu 32% de sua participação na Global Telecom, empresa com

atuação na área de telefonia celular; 50 % da Igaras, produtora de papéis para embalagens e caixas de papelão ondulado, além de começar a negociar ações na bolsa de valores de Madri, Espanha, através do convênio LATIBEX (mercado de valores latino-americanos em euros). Por que tantas mudanças juntas?

Alves - Foram etapas importantes para o que chamamos de "lição-de-casa". Uma redefinição estratégica da empresa, como um todo, que é concentrar seus esforços em duas áreas: a de papel e celulose (celulose de fibra de eucalipto, papéis de imprimir e escrever da linha Report; papelcartão de alta qualidade e papéis revestidos couché-off-machine) e a de petroquímica (resinas de polietileno e polipropileno). Nós tivemos que abdicar

das atividades que não se alinhavam com estes dois segmentos. Com estas decisões, o endividamento do Grupo Suzano foi consideravelmente reduzido.

Celulose & Papel - Quantos anos o senhor tem? Onde nasceu?

Alves - Tenho 56 anos. Nasci no Rio de Janeiro

Celulose & Papel - Qual a sua formação acadêmica?

Alves - Sou economista formado pela Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Celulose & Papel - Como resume sua carreira profissional?

Alves - Iniciei minha carreira em 1967, como estagiário, na Esso Brasileira de Petróleo, onde permaneci durante 14 anos. Em 82, fui para a Petróleo Ipiranga como diretor-superintendente. Já em 1994, mudei de setor e fui presidir a Vulcan Material Plástico, no Rio de Janeiro, fabricante de laminados plásticos de PVC, onde conduzi o seu programa de expansão. Em seguida, vim para a Cia. Suzano.

Celulose & Papel - Como descreveria a sua infância?

Alves - Fui um garoto nascido e criado no subúrbio do Rio de Janeiro. Morava numa casa grande com meus pais, irmão e com minha irmã. Meu falecido pai era um comerciante português, classe média, e minha mãe, brasileira, dona-de-casa. Me recordo de brincadeiras no quintal, com frutas à vontade e muita natureza.

Celulose & Papel - Qual a sua relação com a música?

Alves - A música está em minha vida desde a infância, uma coisa de família. Meu pai chegou a tocar cavaquinho com a banda que acompanhava o Pixinguinha. Eu brinco um pouco no teclado e violão. Lembro-me da minha casa sempre cheia e que qualquer festividade terminava sempre com som. Atualmente ouço muita Bossa Nova e Jazz, mas gosto de música de uma maneira geral, sendo de boa qualidade.



Estamos trabalhando num investimento que resultará no aumento da produção da celulose em 20%

“Nós tivemos que abdicar das atividades que não se alinhavam com estes dois segmentos.”

Celulose & Papel - Nunca pensou em ser um músico profissional?

Alves - Eu estudei no curso secundário, no tradicional Colégio São Bento. Lá tive um conjunto de Bossa Nova, ritmo que na época despontava. Na banda, eu tocava piano. Nunca levei tão a sério, mas fizemos alguns shows e foi assim que conheci a minha esposa.

Celulose & Papel - Como foi este encontro?

Alves - A Elisabeth - hoje museóloga, diretora do Museu Casa da Marquesa de Santos, no Rio - estudava no Colégio Assunção. Ela havia escrito uma peça para ser apresentada nas comemorações de final de ano. Por isso, procurava um grupo para acompanhar a exibição no colégio e nós fomos indicados. Conclusão: estou tocando nesta banda há 30 anos (brinca).

Celulose & Papel - Quantos filhos têm?

Alves - Tenho dois, que também gostam de música. O mais velho é o André, 28 anos, administrador de empresas, que toca teclado; e o Flávio com 24 anos, um bom baterista e também violonista, além de advogado.

Celulose & Papel: Como o senhor reage a censura na TV, um assunto polêmico que divide grande parte da população?

Alves - A censura nunca é boa. Acho que o indivíduo tem que ter liberdade de escolha por natureza. Mas, quando pensamos em relação a televisão, as coisas ficam um pouco diferentes. O que vem acontecendo é um certo exagero levado pela briga acirrada da audiência, o que acho de muito mau gosto.

Celulose & Papel - Uma situação engraçada.

Alves - Durante o carnaval, o Colégio São Bento fazia um retiro espiritual. Ficava no alto do Morro, próximo à Praça Mauá. Eu tinha dois amigos que estavam fazendo retiro por lá. No domingo eu fui visitá-los, com mais dois colegas. A revista Manchete estava fazendo uma matéria. Eles estavam fotografando e eu, nem aí. Quando saiu a edição, estava meu rosto

estampado na primeira página: Os inimigos do carnaval. Fui alvo de chacota durante muito tempo.

Celulose & Papel - E o Rio de Janeiro, continua lindo?

Alves - O Rio de Janeiro é muito bonito, o Rio é o Rio. Eu sou suspeito para falar, pois sou carioca mesmo. Mas me adaptei bem a São Paulo.

Celulose & Papel - Na sua opinião, como anda a política brasileira?

Alves - Tem havido uma evolução na forma de encarar determinados fatos. A maior cobrança da sociedade em relação aos acontecimentos, por exemplo, tem levado a um processo de eliminação desses políticos brasileiros estilo "rouba mas faz".

Celulose & Papel - E a reforma tributária?

Alves - As empresas precisam ser estimuladas a exportar. Os produtos brasileiros carregam uma carga tributária enorme, que os tornam menos competitivos no mercado internacional. Há casos comprovados de insenção de algumas impostos por cinco anos, na Alemanha, para novas unidades produtoras de papel. A reforma tributárias no Brasil fica dificultada pela grande vontade de se criar impostos, mas pouca disposição em se cobrar impostos.

Celulose & Papel - Um pensamento ..

Alves - "Tudo vale a pena se a alma não é pequena", de Fernando Pessoa. Tudo que você faz com vontade de realizar, através da sua luta diária, é o que impulsiona a vida. A integridade em tudo o que se faz também é muito importante, pois seu maior patrimônio é o seu nome e cabe a você zelar por ele.

"Tudo vale a pena se a alma não é pequena"



Vice-presidente de celulose e papel, eleito este ano. No canto direito o Papel Report, investimento em 2000

Exportação tropeça na burocracia do poder e quer oportunidades de eliminar barreiras

O Programa Especial de Exportações não alavancou a atividade e o governo, com certas divergências, anunciou novas medidas – O apoio do Planalto às novas propostas, firmado em teoria, não se traduz em resultados palpáveis.

Alaôr José Gomes

Foi um duro
aprendizado
desde que o setor
passou a ter seus
preços ditados
internacionalmente

O salto do saldo comercial de 2000 do segmento de celulose e papel – ao redor de US\$ 1,8 bilhão – 40% maior que no ano anterior, evidencia que o produto brasileiro precisa ser competitivo através de qualidade e preço para penetrar do disputado comércio internacional. A primeira exigência vem sendo cumprida há anos, com produtos considerados *world class*. Foi um duro aprendizado desde que o setor passou a ter seus preços ditados internacionalmente, globalizando-se antes mesmo que as fronteiras entre países fossem postas abaixo pelo mercado, aglomerando-se em blocos; um mercado bastante competitivo que não olha a origem dos produtos, desde que atendam suas exigências maiores. Poucos segmentos industriais puderam exibir tal performance.

Os 61 setores selecionados para o Programa Especial de Exportações, por seu alto potencial, em 1998, mostraram, em seu conjunto, até mesmo um ligeiro declínio nas exportações globais. Os industrializados caíram, na pauta, dos 60% em 1993, para apenas 59% no ano passado, recuperando-se dos frágeis 56% de 1999. O último saldo positivo do Brasil na balança de comércio – essencial ao ajuste das contas externas – foi o de US\$ 10 bilhões em 1994. Estamos, desde então, acumulando *déficits*

sucessivos, não obstante o discurso do próprio presidente Fernando Henrique Cardoso de querer deslanchar as exportações. Este 2001 deverá registrar um novo saldo negativo na balança de comércio. Os US\$ 100 bilhões projetados para 2002 já são apenas um sonho. Inatingível, diga-se, nas atuais condições. Em oposição às vendas externas em modorrenta ascensão, as importações evoluíram de US\$ 14,6 bilhões em 1988 para US\$ 57,7 bilhões dez anos depois. Regredindo para US\$ 55,7 bilhões em 2000.

Não bastasse a ausência de um conjunto de ferramentas adequadas à atividade exportadora, que sofre a incidência de impostos em cascata depois de ser punida com juros de financiamento elevados que contribuem para reduzir nossa competitividade, ainda assistimos a posições conflitantes dentro do próprio governo em relação às exportações. No último ENAEX, promovido pela AEB- Associação de Comércio Exterior do Brasil, o ministro do Desenvolvimento, Alcides Tápias, precisou insurgir-se contra a posição do Secretário da Receita Federal, Everardo Maciel, um bom técnico que só pensa em elevar a arrecadação de impostos sem abrir mão de qualquer concessão que, embora provisória, venha, depois, de forma compensatória, a contribuir para inchar ainda mais as burras governamentais. Foram R\$ 150 bilhões



Alcides Tápias

em 2000, contra apenas R\$ 64 bilhões arrecadados pouco antes de sua posse. Mas essa ganância tecnocrata-arrecadadora, segurando importação de máquinas modernas, resultou no atraso de absorção de tecnologia e em perda de competitividade dos produtos brasileiros de exportação. Como se já não bastassem os entraves externos das barreiras tarifárias ou sanitárias, há os internos, além do complicômetro da burocracia: os impostos que incidem sobre investimentos de produção para o mercado externo, elevam o custo dos investimentos em 25%. Ou seja: US\$ 100 milhões acabam, com esse ágio fiscal, ficando em US\$ 125 milhões no Brasil. E, para agravar, nossas promoções externas – ninguém vende sem um marketing agressivo num mercado extremamente concorrido – a Receita Federal ainda gravou as promoções no exterior com uma taxa adicional de 15% de IR. Esse, aliás, foi o pomo da discórdia entre o Ministro e o

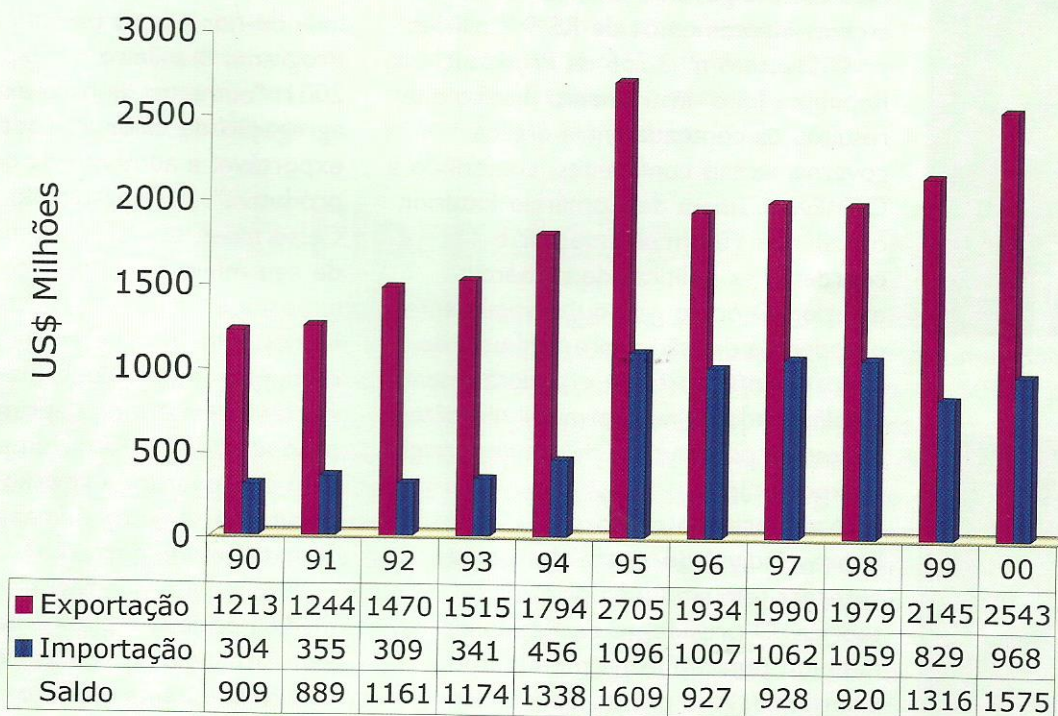
secretário da Receita, num *round* disputado em que o peso das vaidades foi julgado pelo próprio presidente da República com ameaças de renúncia. .

Todo o pano de fundo da falta de impulso à exportação se resume, na opinião do economista Roberto Segatto, presidente da Associação Brasileira de Comércio Exterior (Abracex), à insistência governamental de transformar instrumentos econômicos que deveriam servir ao fortalecimento do comércio exterior em simples mecanismos de fiscalização. Vantagens de recuperação de 5,37% da receita bruta gasta com a Cofins e o PIS são créditos que nem sempre os exportadores conseguem obter retorno.

Apesar de ser tido como o defensor do desenvolvimento, arauto da necessidade de reforma tributária e comandante das mudanças requeridas para agilizar as exportações, o ministro do Desenvolvimento, Indústria e

Vantagens de recuperação de 5,37% da receita bruta gasta com a Cofins e o PIS são créditos que nem sempre os exportadores conseguem obter retorno

Balança Comercial do Setor de Celulose e Papel Período 1990-2000



Fonte: SECEX

Comércio Exterior não poupou farpas aos empresários exportadores: “Tenho a sensação – e nisso não estou só no governo – que a política de apoio à exportação, em larga medida, é até desconhecida pela maioria das empresas exportadoras”.

O Ministro Alcides Tápias reconheceu que não somos competitivos, a necessidade do aprimoramento do Programa Especial de Exportações, da reforma tributária para desonerar a produção e do aprimoramento da logística de exportação. E defendeu mudanças de comportamento, pois “é escassa a cultura exportadora no universo do sistema produtivo nacional”.

Após reunião com o presidente da República e seu colega Pedro Malan, da Fazenda, Alcides Tápias anunciou maiores poderes à CAMEX e que a decisão, a partir de então, sobre os impostos que pesam nas exportações e importações será adota por um colegiado composto de Ministros de Estado. Há um programa para estimular micro, pequenas e médias empresas à ingressar na atividade exportadora, na qual têm uma participação de apenas 2% atualmente. Para tanto o governo anuncia créditos através investimentos de R\$ 9,2 bilhões.

O Decreto nº 3.756 da Presidência da República foi o instrumento prático que resultou da contenda entre órgãos governamentais conflitantes, conferindo à CAMEX- Câmara de Comércio Exterior, o poder de reformular, decidir e coordenar as políticas de comércio exterior. O órgão ganhou, textualmente, o poder de decisão sobre alíquotas do imposto de importação e poderá orientar a política aduaneira e formular diretrizes básicas da política tarifária na importação e exportação.

A exportação como pilar imprescindível do ajuste das contas externas tem sido uma prioridade teórica. O presidente da República também tem a mesma meta como prioridade. A imprensa deu pouca atenção, mas na sua palestra aos alunos dos cursos de altos estudos das Escolas Militares, ele foi enfático: “Vamos

continuar aumentando a exportação e isso nos precisamos fortemente. Essa, talvez, seja a tônica dos meus outros meses de mandato”. Como o perspicaz deputado paulista Delfim Netto, até mesmo os auxiliares poderosos de sua Excelência, o Chefe da Nação, devem ter captado a mensagem de que “as exportações devem ser a prioridade número um do Brasil”.

Apesar das crises externas, dos altos e baixos da vizinha e complicadíssima Argentina e do desencanto de uma forte crise energética que puxou para baixo a projeção do crescimento brasileiro que alegrava toda a comunidade produtiva no primeiro trimestre do ano.

Benedicto Moreira, presidente da AEB-Associação de Comércio Exterior do Brasil, considera “decisivo que o país adquira uma capacidade de competição extremamente forte”, no que o ministro Alcides Tápias faz coro: “para aumentar a competitividade dos produtos brasileiros no exterior a criação de *trading companies* é uma ação importante nessa empreitada”. Roberto Gianetti da Fonseca, experiente *trader* formado na iniciativa privada e hoje Secretário Executivo da CAMEX, indicou-nos a ação básica para o Programa Brasileiro de Exportação 2001: “aumento da base exportadora, agregação de valor à produção exportável e aumento da capacidade produtiva”. O Ministro do Exterior, Celso Láfer, decidiu colocar a máquina de seu ministério a serviço do esforço exportador. Para ele os fatores externos são os principais determinantes da competitividade requerida pelo comércio exterior: “aprimoramento da produção de parte do empresário e, do lado do governo, a revisão da tributação, crédito e financiamento abundante à exportação”.

Finalmente, vale registrar a primeira medida positiva e prática do Governo para um apoio de fato às exportações: o pacote que isenta do Pis e do Cofins, dentre outras providências, os produtos de exportação, conferindo-lhes mais competitividade.

Aduaneiras



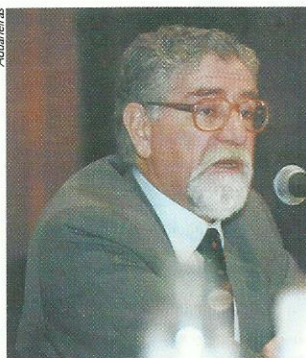
Benedicto Moreira

Aduaneiras



Roberto Gianetti da Fonseca

Aduaneiras



Celso Láfer

Sepaco é pioneiro no controle de infecção hospitalar

O SEPACO também é certificado pelo Selo de Conformidade concedido pela Escola Paulista de Medicina e pelo Conselho Regional de Medicina e premiado pelas Câmaras Americanas de Comércio no Brasil. Com intuito de expandir sua atuação e equilibrar suas finanças, o hospital abriu espaço para conveniados e particulares. Em 2000 foram investidos R\$880 mil na modernização, com a previsão de mais investimentos este ano.

Vanessa Cecília da Silva

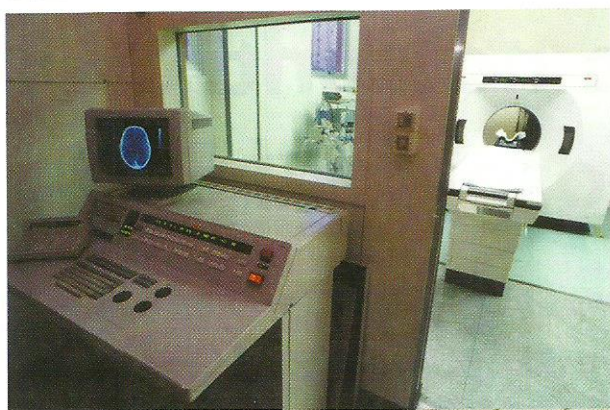


Hospital do SEPACO em SP. No detalhe Jamil Nicolau Aun

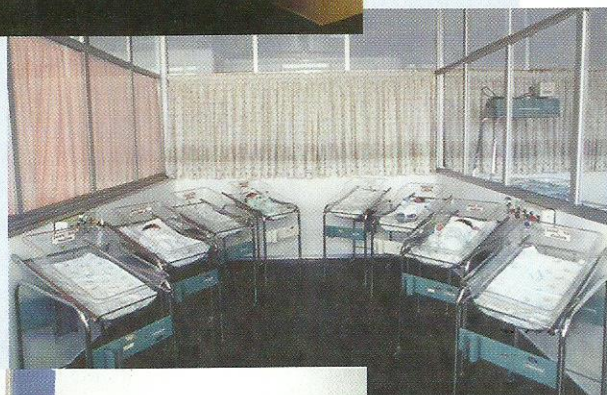
Esta obra pioneira, marcou um feito inédito no Brasil: o pleno entendimento nas relações capital-trabalho

Foi em 1956, que o líder operário Olavo Previatti, na época presidente da Federação dos Trabalhadores nas Indústrias do Papel, Papelão e Cortiça do Estado de S. Paulo, apresentou o projeto de criação do Hospital e Maternidade SEPACO. A idéia foi muito bem recebida pelos industriais, tendo à frente Mário Amato e Francisco Mazza, este o primeiro presidente do Hospital. Esta obra pioneira, marcou um feito inédito no Brasil: o pleno entendimento nas

relações capital-trabalho. Presidiram também o Sepaco, Osmar Simão Racy (1962/67); Jamil Nicoulau Aun (1968/93) e Horácio Cherkassky (1993/94). À frente desde 1994, está o empresário e também presidente da Associação Brasileira de Embalagens, da União Latino-Americana de Embalagens e da Organização Mundial de Embalagens, Sérgio Habermfeld. “É neste período que o SEPACO enfrenta um dos seus maiores desafios e muda sua forma de atuar”, ressalta o Diretor Geral do SEPACO, Rafael Parri.



Fotos Sepaco



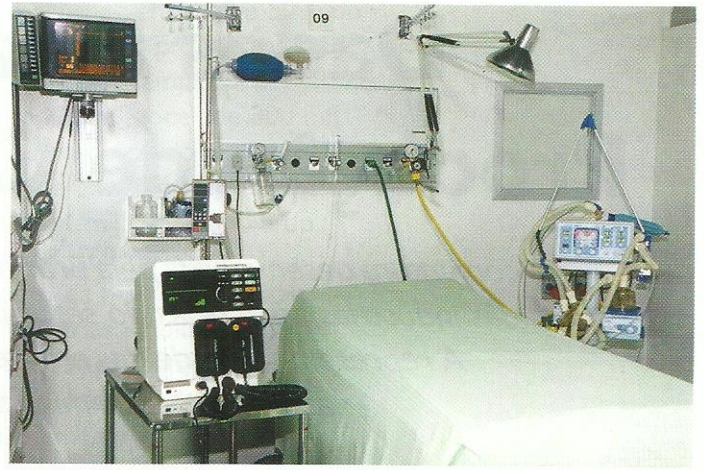
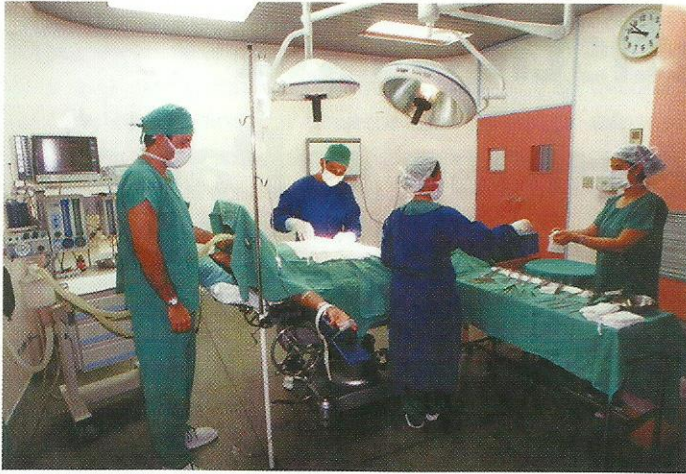
O hospital, idealizado e administrado por representantes dos sindicatos patronal e de empregados, foi criado para prestar atendimento médico-hospitalar aos funcionários do setor até mesmo aos aposentados e seus dependentes que têm sido atendidos por liberalidade dos empregadores. Em 1956, o hospital funcionava na sede da Federação dos Trabalhadores e, em 62, passou a atender no Hospital Sanitas.

Anos depois: Desde 79, localizado na rua Vergueiro, região da Vila Mariana, em São Paulo, o Hospital e Maternidade SEPACO ocupa uma área de 17.500 m², criada pelo arquiteto Nelson Daruj. Com nove pavimentos e capacidade para 200 leitos, o hospital conta com uma infraestrutura composta de Pronto-Atendimento, Clínica Médica, Cirúrgica, Maternidade, Berçário, Pediatria e Unidade de Terapia Intensiva (adulto, infantil e neonatal).

Quando a nova unidade foi inaugurada, o setor papelero possuía um número de funcionários maior. Com a economia globalizada, as necessidades de racionalização no setor e o crescimento da indústria no interior, o hospital ficou parcialmente ocioso, fato este que provocou a elevação nos seus custos. “O hospital com capacidade para 200 leitos, ainda está com 50 leitos inativos, fechados, disponíveis para os conveniados”, explica Rafael Parri.

Com o intuito de contornar os problemas financeiros que o hospital vinha atravessando e reduzir a ociosidade, há cinco anos o SEPACO decidiu atender convênios e particulares, além de abrir o hospital para profissionais que queiram utilizá-lo para realização de procedimentos cirúrgicos. Passou também a vender planos de agregados para dependentes dos funcionários do setor que, com a maioria perdiam o direito de utilizar os seus benefícios e passaram a pagar um plano próprio. “O atendimento de convênios e particulares, começou a gerar um equilíbrio financeiro”, diz Parri.

Desde 1999, o hospital tem destinado verbas significativas para a sua modernização, investindo em equipamentos



de ponta, informatização operacional e na reforma geral.

Investimentos e expansão: 2000 foi o ano que mais se investiu. Foram gastos R\$ 880 mil, sendo R\$ 520 mil em equipamentos, principalmente para o centro cirúrgico e UTI (Unidade de Terapia Intensiva). Para 2001 estão previstos investimentos de mais R\$ 800 mil.

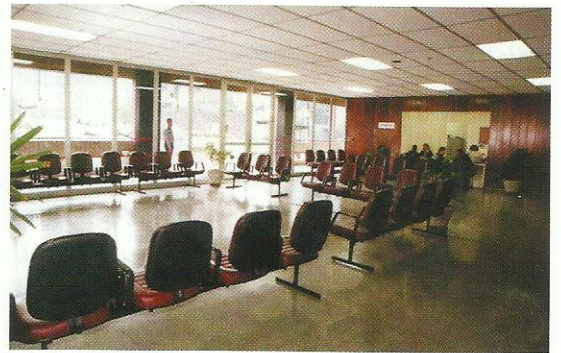
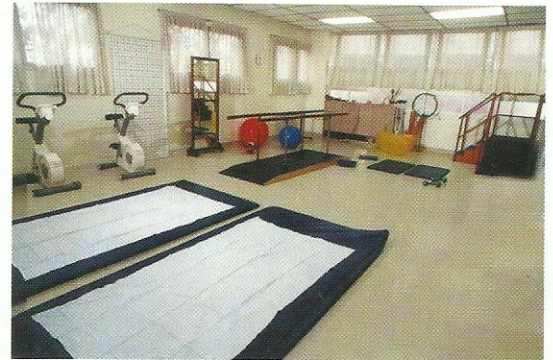
“Estamos reformando o ambulatório e o Pronto-Atendimento, que terá plenas condições de melhor receber convênios e moradores da região. Esta reforma consumirá em torno de R\$ 600 mil”, ressalta o Diretor do SEPACO.

A diferença entre o Pronto - Atendimento e o Socorro, é que o PA não precisa manter todas as especialidades obrigatoriamente de plantão., sendo que alguns casos são de plantões à distância acionados pelo hospital. No caso do SEPACO, são mantidos durante 24 horas, os médicos das áreas de: pediatria, ginecologia/obstetrícia, clínico e cirurgião. O maior crescimento de venda de serviços foi no Pronto-Atendimento, que em 1998 registrou 201 atendimentos mensais, passando em 99 para 446; 2000, uma média de 780 pessoas. Em 2001 esta média já subiu para 1350. “Em 98, a venda de serviços representava 5% do total das receitas e, atualmente, está correspondendo a 16%. A nova área comercial está trabalhando para expandir este número ainda mais”, conta Parri.

No ano passado foi implantado o sistema de Agendamento de Consultas, que possibilita que o paciente marque sua consulta com antecedência, acabando,

assim, com as filas de espera - que se prolongavam por horas. O ambulatório conta com um corpo clínico, que atende a quase todas as especialidades e serviços auxiliares de diagnóstico e terapia, com hora marcada. No ano passado, o SEPACO registrou uma média de 13.300 consultas mensais.

Conquistas: O hospital é pioneiro no controle de infecção hospitalar, graças às suas condições de excelência, seguindo rigorosamente os critérios da Organização Mundial de Saúde (OMS). Esta iniciativa inspirou outros hospitais brasileiros a introduzirem este conceito, além de inspirar leis para que essa abrangência se estenda a todos os hospitais brasileiros. O hospital também conquistou o Selo de Conformidade concedido pela Escola Paulista de Medicina e pelo Conselho Regional de Medicina. O Selo foi conferido em 1993 e revalidado em 95 e 99. Para conquistar o selo, por duas vezes, foram verificadas todas as condições de atendimento. Em 89, o SEPACO recebeu o prêmio Eco, na categoria Excelência/Saúde, conferido pela Associação Nacional das Câmaras Americanas de Comércio no Brasil.



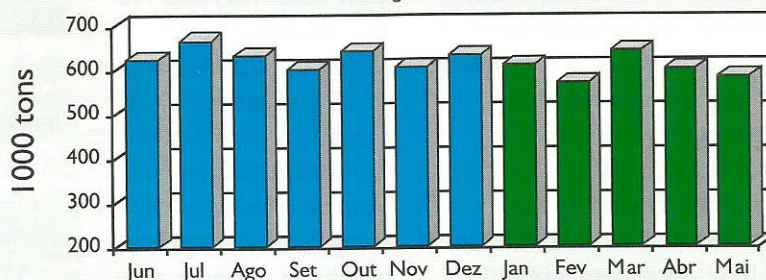
Dados Estatísticos da Produção de Celulose e Papel

A conjuntura desenvolvida pela Bracelpa reúne um conjunto de informações, estatísticas das indústrias associadas do setor para acompanhamento e análise das tendências. A representatividade das empresas participantes desta pesquisa, assegura a determinação de índices confiáveis.

Produção de Celulose e Pasta

	2000	Mai/01	Mai/00	Var.%	Acum./01	Acum./00	Var.%
Produção	7.463.266	581.968	632.116	-7,9	3.000.337	3.064.064	-2,1
Vendas Domésticas	739.613	59.787	59.505	0,5	297.058	312.455	-4,9
Vendas Externas	2.946.885	270.507	271.532	-0,4	1.172.178	1.234.042	-5,0

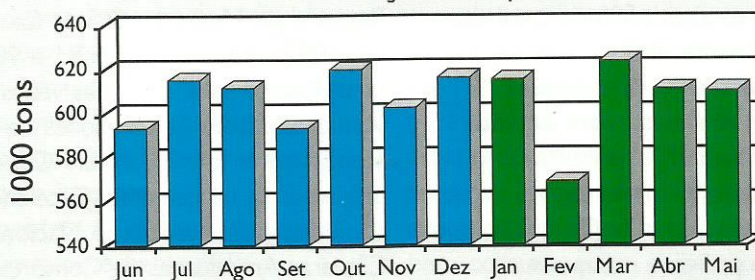
Produção de Pastas



Produção de Papel

	2000	Mai/01	Mai/00	Var.%	Acum./01	Acum./00	Var.%
Produção	7.187.831	610.483	593.726	2,8	3.029.682	2.934.653	3,2
Consumo Próprio	1.581.527	127.535	136.186	-6,4	606.792	643.606	-5,7
Vendas Domésticas	4.448.785	397.132	360.023	10,3	1.892.254	1.770.839	6,9
Vendas Externas	1.106.080	114.142	92.954	22,8	518.449	496.887	4,3

Produção de Papel



Fonte: BRACELPA

Experiência • Confiança • Qualidade • Prazo

STUDIO
GRAFICA



O caminho mais tranquilo.



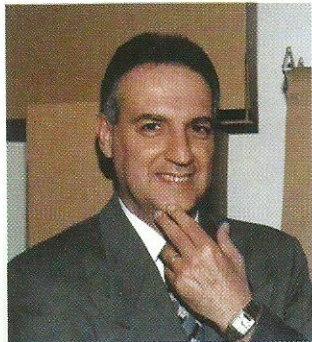
Fone: (11) 4975.5633
e-mail: grafica@astudioa.com.br

ABPO reelege Paulo Sérgio Peres na presidência

O executivo Paulo Sérgio Peres acaba de ser reeleito, para o segundo mandato consecutivo, presidente da ABPO - Associação Brasileira de Papelão Ondulado no biênio 2001/ 2003. Sua reeleição tem um significado muito especial pois representa continuidade do trabalho que a entidade vem desenvolvendo no sentido de fortalecer o setor, especialmente no acompanhamento em função da crise energética. Segundo Peres, as empresas só têm condições de economizar entre 8% e 10%, sem comprometer o nível de produção, apenas com medidas de racionalização, como o uso de luzes mais econômicas, ajustes técnicos em máquinas, redução da atividade em horários de pico. "O setor quer evitar demitir pessoal, mas esse esforço será difícil, pois não há como economizar 25% do consumo, sem reduzir produção", avalia.

A diretoria eleita é a seguinte: vice-presidência: Milton Ferrari, Ricardo Lacombe Trombini, José Mário Augusto, Sérgio Antonio Garcia Amoroso, Delvan Lima Telles. O primeiro secretário é Átala Trepíchio Junior e segundo, Lino M. Estudino Filho. Para primeiro tesoureiro assume José Frugis. Para segundo tesoureiro Mituru Mori. Os diretores adjuntos na nova gestão da ABPO são: José Carlos Aquino Moirão, Francisco Trindade Cella e Walter Previtali Filho. Conselho Fiscal: Nelson Itai Shiguematsu, Eugênio Gomes Nóbrega Filho e Armando Machado da Silva. Já para o Conselho Consultivo foram eleitos os seguintes nomes: Eder Regis Marques, Eduardo Brasil Gonçalves, Florindo Barban, Gonzalo Gallardo Diaz, João Bosco Frugis, José Adami Neto, José Roberto Garcia Amoroso, Josmar Verillo, Júlio Tedesco, Lucas Lamadrid Godinez, Miguel Sampol Pou, Paulo Eduardo Correia, Paulo Tilkian, Raul Baptista Trombini, Renato Alcides Trombini, Roberto Nicolau Jeha e Seiji Shiguematsu.

Divulgação



Paulo Sérgio Peres



Motosserra Stihl 036. Tecnologia para operações florestais.

O trabalho florestal agora pode contar com um forte aliado: a motosserra Stihl 036. Desenvolvida com tecnologia Nº 1 no mundo, a Stihl 036 vem equipada com um exclusivo Compensador que otimiza a mistura ar-combustível quando o filtro está sujo, permitindo maiores intervalos entre as limpezas. Além disso, esta

máquina apresenta a melhor relação peso e potência em sua categoria garantindo excelente desempenho para o operador. Outra vantagem é você poder contar com mais de 1000 revendas no Brasil com assistência técnica e peças originais. Motosserra Stihl 036. Se é Stihl, pode confiar.



Andreas Stihl Moto-Serras Ltda.
Fone: (51) 579.8294 - Fax: (51) 579.8390
<http://www.stihl.com.br>

STIHL

Setor de papelão registra crescimento no 1º semestre

O setor de papelão ondulado comercializou nos seis primeiros meses do ano, 874,0 mil toneladas, mostrando crescimento de 3.5% comparado ao primeiro semestre do ano passado. O mês de junho último, registrou vendas de 141,3 mil toneladas do produto, apresentando queda percentual de 5.5% em relação ao mês anterior (149,7 mil toneladas).

Segundo Paulo Sérgio Peres, presidente da ABPO - Associação Brasileira do Papelão Ondulado, os resultados de junho já refletem o cenário de expectativas do comportamento da economia em relação à crise energética. Segundo sua avaliação, os efeitos do racionamento já começam a afetar a produção dos usuários dos mais diversos segmentos industriais”, diz Peres.

Cursos

O Instituto de Pesquisas e Estudos Florestais, IPEF, realizará o 2º Simpósio Latino americano de Controle de Incêndios Florestais, em Piracicaba, de 13 a 16 de agosto. Serão mostrados métodos de prevenção e combate a incêndios florestais, além da estatística nacional de florestas atingidas pelo fogo, análise de risco para o planejamento de prevenção e controle, os efeitos das queimadas na Amazônia e o monitoramento orbital de queimadas no Brasil. Cases de empresas florestais nacionais sobre preservação e combate vão ser apresentados, como a Klabin Paraná Papéis, a Cenibra, a International Paper, entre outras, além de empresas internacionais.

Inscrições: (19)430.8602 e 430.8603 ou email eventos@carpa.caigri.usp.br

Dose Dupla

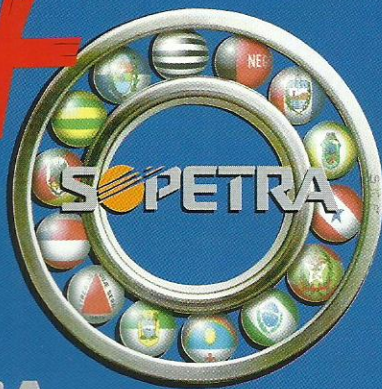


O maior fabricante mundial de rolamentos

Contando com uma completa linha de Rolamentos SKF, a SOPETRA destaca-se por sua especialização em itens de Médio e Grande porte, principalmente aplicados no segmento de Celulose e Papel.

CRIO

Um dos melhores estoques do Brasil e um serviço de primeira qualidade.



CARB



SOPETRA

Tel: (0**11) 3825-4322 – Fax: (0**11) 3662-0355

Rua Lopes Chaves, 137 - Barra Funda – 01154.010 – São Paulo, SP – E-mail: sopetra@sti.com.br

Apoio do Banco Mundial

Mario Leonel

A recente e firme manifestação de apoio do presidente do Banco Mundial, James Wolfenson, ao desenvolvimento florestal e ao sistema de reconhecimento mútuo de certificação, constitui uma expressa aceitação internacional do destaque da atuação da indústria brasileira de celulose e papel no cenário global, sob a liderança da Bracelpa e da SBS-Sociedade Brasileira de Silvicultura. Essa manifestação de Wolfensohn, em carta ao *chairman* da Aracruz, Erling Lorentzen, demonstra também a intenção de aprofundar o envolvimento do Banco Mundial com o setor florestal, visando a ampliação dos investimentos.

O presidente do Banco Mundial afirma que, provavelmente até Julho, “iremos submeter aos principais gestores e à Diretoria nossa proposta de estratégia florestal e uma nova política para florestas. É difícil prever o resultado desse processo, mas posso assegurar que a direção que estamos seguindo é proativa, busca parcerias e focaliza nossa maior preocupação nesse setor: o uso e manejo de florestas para reduzir a pobreza e promover o desenvolvimento sustentável. Se, para alcançar esses objetivos, precisarmos modificar nossa política atual e nossa postura estratégica nesse setor, nós o faremos.”

Sobre a ampliação dos investimentos no setor florestal, Wolfensohn declara: “Esperamos que um envolvimento maior do Banco melhore o clima para investimentos em alguns dos nossos países-clientes e que isso leve ao incremento dos investimentos privados. Não é nossa expectativa que a contribuição privada ocorra no mesmo nível do nosso maior comprometimento, mas confiamos muito na formação de uma parceria que resulte em comprometimento mais amplo, de todos nós, para com o setor florestal.”

Finalmente, em relação à certificação do manejo florestal, o presidente do Banco Mundial assegura concordar que essa questão “é algo que precisa ser desenvolvido a partir dos países que participam em operações e negócios florestais – e não ser imposto, de fora para dentro, sobre os países produtores: nossa política e estratégia irão refletir fortemente essa visão. Em segundo lugar, quero tornar bem claro que o Banco definitivamente não apoia qualquer processo específico de certificação – seja o Forest Stewardship Council ou qualquer outro”.

E conclui: “Eu sei que, em alguns setores, surgiu uma impressão de que nós somos favoráveis a esse processo, porque o WWF, nosso associado, o apoiou fortemente desde seu surgimento, como é direito dele. Mas nós temos um claro acordo com o WWF a esse respeito, no sentido de que nem o Banco, nem a

Aliança da qual ele é membro, proporcionarão qualquer apoio ou favorecimento ao FSC. Concordo que a evolução no sentido do reconhecimento mútuo entre os diferentes sistemas atualmente existentes é uma boa iniciativa e nós a apoiaremos por todas as maneiras a nosso alcance”.

Manifestação eloqüente como essa, de uma personalidade do calibre do presidente do Banco Mundial, constitui mais uma clara demonstração da importância e do valor da atuação internacional das entidades do setor, que só tende a se ampliar, com o avanço irrefreável do processo de globalização.

* Mário Higinio N. M. Leonel é diretor executivo da Bracelpa - Associação Brasileira de Celulose e Papel.



O FUTURO A GENTE CONSTRÓI PASSO A PASSO

Construir um futuro melhor para nós e para nossos semelhantes é uma obra para a vida inteira. Quanto mais cedo ela começar, mais sólidas serão as raízes que nos permitirão transformar o mundo em um lugar mais justo e melhor de se viver. É por pensar assim que a CENIBRA se orgulha em implementar mais uma ação de apoio comunitário: o Projeto Calçando o Amanhã, através do qual irá distribuir pares de calçados a mais de 40 mil estudantes de 1ª a 8ª séries de aproximadamente 530 escolas dos 46 municípios de atuação da empresa. O projeto

vem se somar a diversas outras iniciativas sociais da CENIBRA na região. Entre elas, o Mutirão da Educação, vitoriosa experiência empreendida pela empresa desde 1995, que contempla a distribuição anual e gratuita de material escolar, didático e esportivo aos mesmos estudantes e escolas agora beneficiadas pelo Projeto Calçando o Amanhã. É com ações como estas que a CENIBRA demonstra na prática ser possível contribuir para minimizar as carências da nossa gente e elevar os níveis de qualidade de vida das comunidades vizinhas.



Celulose Nipo-Brasileira S.A.

Nova Linha Copimax de Papéis
Especiais Revestidos.
Valoriza as cores da sua imagem.

CARILLO PASTORE EUIRO ISCCG

 **Votorantim** | Celulose e Papel

O papel Copimax sempre se destacou por ser o mais branco, além de ser produzido com tecnologia de última geração. Agora ele tem mais uma novidade: a Linha Copimax de Papéis Especiais para impressões coloridas. Papéis com revestimento especialmente desenvolvidos para proporcionar a impressão de cores e imagens com alta qualidade e resolução em impressoras ink jet, laser e copiadoras. A nova linha Copimax é ideal para a produção de layouts, projetos, apresentações e todos os trabalhos que exijam um acabamento impecável e está disponível em práticas embalagens com 100 folhas. Nova Linha Copimax. Valoriza as cores da sua imagem. www.copimax.com.br



COPIMAX
A evolução do papel.